

ORGANIZADORES
ONDINA PENA PEREIRA
ARGUS SETEMBRINO
CARLA FREITAS PACHECO PEREIRA

Outras Palavras

para uma Psicologia da Diferença

EDITORA
JRG

Organizadores
Ondina Pena Pereira
Argus Setembrino
Carla Freitas Pacheco Pereira

Outras Palavras
para uma Psicologia da Diferença

1ª edição
2021

Editora
JRG



PEREIRA, Ondina Pena; SETEMBRINO, Argus; PEREIRA, Carla Freitas Pacheco (orgs.).

Outras Palavras para uma Psicologia da Diferença. Organizadores: Ondina Pena Pereira; Argus Setembrino; Carla Freitas Pacheco Pereira. Editor Jonas Rodrigo Gonçalves. Capa e supervisão Danilo da Costa. Brasília/DF: Editora JRG, 2021.

1ª edição

099 fls.

ISBN:978-85-54009-12-0

CDU: 150

EDITOR RESPONSÁVEL DA EDITORA

Prof. MSc. Jonas Rodrigo Gonçalves, Universidade Católica de Brasília, Brasil.

CONSELHO EDITORIAL DA EDITORA JRG

Prof. Dr. Arthur Henrique de Pontes Regis, Universidade de Brasília, Brasil.

Prof. Dr. Alessandro Aveni, Universidade de Brasília, Brasil.

Prof^a. Dra. Eunice Nóbrega Portela, Universidade de Brasília, Brasil.

Prof^a. Dra. Renata Costa Fortes, Escola Superior de Ciências da Saúde, ESCS, Brasil.

Prof. Dr. Renato Bulcão de Moraes, Universidade Paulista UNIP, SP, Brasil.

Prof^a. Dra. Rosylane Doris de Vasconcelos, Universidade de Brasília, Brasil.

Prof^a. MSc. Maria Aparecida de Assunção, Faculdade Processus-DF, Brasil.

Prof. MSc. Jonas Rodrigo Gonçalves, Universidade Católica de Brasília, Brasil.

Prof. MSc. Nelson Adriano Ferreira de Vasconcelos, Universidade Católica de Brasília, Brasil.

CORPO DE APOIO TÉCNICO

Prof^a. Esp. Rosilene da Silva Moura, Universidade de Brasília, Brasil

Prof. MSc. Danilo da Costa, Universidade Católica de Brasília, Brasil

Prof^a. Roseli Aparecida Gonçalves, Universidade de Brasília, Brasil

DIAGRAMAÇÃO

Prof. MSc. Danilo da Costa, Universidade Católica de Brasília, Brasil



Organizadores

Ondina Pena Pereira

Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (1984), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1991), doutorado em Antropologia pela Universidade de Brasília (1997) e pos-doutorado em Psicologia Social na Université du Québec à Montreal. É professora adjunta da Universidade Católica de Brasília. Pesquisa a área de saúde e sua relação com as ciências humanas e a filosofia; a psicanálise e suas relações com a sociedade; epistemologias em psicologia; a psicologia e a interculturalidade; teorias de gênero e feminismo; imagens técnicas e teoria do simulacro; clínica política.

Argus Tenorio Pinto de Oliveira (Argus Setembrino)

Psicólogo (CRP 09/012542) pela Universidade Católica de Brasília (UCB, 2016). Mestre em Psicologia (Processos Psicossociais e Educacionais) pela Universidade Federal de Goiás (UFG, 2021), com o tema “Subjetivação, Técnica e Política”. Constrói o Grême Psicologia-e, atualmente um coletivo de serviços. Participa do Coletivo Institucionalista da UFG e da Pesquisa Outras Palavras da UCB.

Carla Freitas Pacheco Pereira

Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (2008), graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (1999). Doutoranda no programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Católica de Brasília (UCB) na linha de pesquisa Cultura Contemporânea e Relações Humanas. Atualmente é professora de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Católica de Brasília (UCB). Integra o grupo de pesquisa “Outras Palavras”, coordenado pela Prof. Dra. Ondina Pena Pereira. Dirige pequeno estúdio de ilustrações, Estúdio Caliandra e participa de grupos de desenhos de rua, Urban Sketching.



Autores

Denyse Furuhashi

Psicóloga formada pela Universidade Católica de Brasília.

Felipe Augusto da Silva

Graduando em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília. Participou do grupo de pesquisa “Outras Palavras”, que buscou contribuir com o desenvolvimento do arcabouço teórico da Psicologia da Diferença, universo teórico na área de psicologia que conta com métodos diferenciados de atendimento psicossocial com populações minoritárias em situação de vulnerabilidade. Dentro deste, desenvolveu o projeto de iniciação científica “Desfazer o rosto em infinito: Políticas do rosto em Lévinas, Deleuze e Guattari”, apontando as aproximações e distanciamentos das noções de rosto entre os autores para pensar através delas, éticas, políticas da alteridade e outros modos de subjetivação na clínica.

Flávia Buscuãán Timm

Psicóloga, Mestre e Doutora na área de Cultura, Desenvolvimento e Relações Humanas. Especialista em Psicologia Social pelo Conselho Federal de Psicologia –CFP. Pesquisadora na área de violência doméstica e familiar contra mulheres, gênero e raça. Autora de artigos e livro sobre violência conjugal, intimidade e amor. Atuou como consultora da UNIFEM e FUNAI. Experiência no atendimento psicossocial às mulheres em situação de violência no contexto da Polícia Civil, Judiciário e Saúde. Atuou como servidora temporária na Secretaria de Saúde do Distrito Federal – SES/DF no enfrentamento à COVID-19 . Está em processo de formação em Neuropsicologia pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – FMHC/USP (2019–2021)

Gabriel Gonçalves Guimarães

Psicólogo formado pela Universidade Católica de Brasília (2019) e atualmente residente do Programa Multiprofissional em Saúde Mental do Adulto

pela Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde (FEPECS), na Secretaria de Saúde do Distrito Federal. Integrou pesquisas como bolsista do programa de Iniciação Científica da FAP/DF no projeto de pesquisa: “Amor, Gênero e Subjetividade de Consumo: desafios teóricos para uma vida sem violência”, e atualmente compõe o Grupo de Pesquisa “Outras Palavras: Psicologia da Diferença”, cujo objetivo é o delineamento de novas formas de atendimento e intervenção psicológica junto a populações em situações de vulnerabilização. Atuou como um dos coordenadores na Comissão Especial de Estudantes de Psicologia do CRP 01/DF nos anos de 2018 e 2019, e como um dos diretores da empresa júnior de psicologia Lógica Consultoria no ano de 2017. Integrou programas de monitorias nas áreas de Psicologia Social, Psicologia Institucional, Psicologia da Criatividade e Bases Epistemológicas da Psicologia. Interessa-se por pesquisas em Psicologia Social, Psicologia Clínica e Política, novos modos de atendimento em Psicologia Clínica e Psicologia Social, e na área da Saúde Mental e Atenção Psicossocial

Hellen Munique Alves

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade de Brasília (2002), graduação em Psicologia pela Universidade Católica de Brasília (2008) e mestrado em Educação pela Universidade de Brasília (2015). Atualmente é: doutoranda no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia na Universidade Católica de Brasília (ingresso em 1/2019); servidora efetiva na Secretaria de Educação do Distrito Federal (Orientadora Educacional); participa do grupo de pesquisa “Outras palavras” dedicando-se ao estudo sobre vulnerabilidade e psicologia da diferença.

Izabella de Moraes da Silva

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Católica de Brasília (2016). Trabalhou junto a crianças e adolescentes em vulnerabilidade social e em conflito com a lei, compondo a equipe de avaliação do Projeto Vira Vida, que se propunha a dar aos jovens maiores condições de inserção no mercado, por meio de ensino profissionalizante, em parceria com o SESI e, ao mesmo tempo, fortalecê-los emocionalmente para lidar com os desafios em seus contextos sociais. Realizou estágio no Coletivo da Cidade, realizando atendimentos junto aos adolescentes a fim de fortalecer os vínculos comunitários e sociais e assim criar e construir formas coletivas de acesso e exercício de direitos fundamentais. Nos atendimentos às mulheres em situação de violência doméstica, trabalhou com a possibilidade construir outras formas de viver seus afetos, ou seja, o foco em processos de escolhas que aumentem sua potência no sentido spinozano, bem como na esquivia de encontros que tirem

sua potência de vida. Mestranda no Programa de Psicologia Clínica e Cultura – UNB

Jefferson de Jesus Brandão

Possui graduação em Psicologia pelo Centro Universitário de Patos de Minas (2014), pós-graduação lato sensu em Psicopedagogia (2016) pelo Centro Universitário de Patos de Minas, pós-graduação lato sensu em Gestalt Terapia pela Faculdade Unyleya (2018). Atualmente cursa o mestrado em psicologia na Universidade Católica de Brasília, orientado pela Dra. Ondina Pena Pereira. Integra o grupo de pesquisa “Outras Palavras”. É psicólogo clínico e diretor da Clínica Animus de Unaí – MG.

Jéssica Pereira da Costa

Mestranda no Programa de Pós Graduação de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro com ênfase em processos sociais históricos e coletivos (2021). Possui graduação em Psicologia pela Universidade Católica de Brasília (2020). Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Relações Interpessoais, atuando principalmente nos seguintes temas: psicologia, historiografia, psicologia da diferença e cartografia.

Jonas Rodrigo Gonçalves

Doutorando em Psicologia (Cultura Contemporânea e Relações Humanas) pela Universidade Católica de Brasília (2019–2022). Mestre em Ciência Política (Direitos Humanos, Cidadania e Violência) pelo Centro Universitário Euroamericano/DF (2008). Especialista em Letras (Revisão de Texto), em Educação e em Direito (Constitucional, Administrativo e Trabalhista). Possui Licenciatura em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Paulista (Unip). Possui Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília (2002), habilitando-se também à licenciatura plena em História, Psicologia e Sociologia (Portaria MEC 1.405/1993). Possui Licenciatura em Sociologia pela Universidade Paulista (Unip). É professor universitário, editor, revisor de textos e escritor.

Mairy Aparecida Pereira Soares Ribeiro

Doutoranda em Psicologia– UCB–Brasília. Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Goiás (1998), graduação em Letras–Libras/ UFG, Especialização em Língua Portuguesa: Ensino de Literatura (2001), Especialização em Letramento Informacional (2015) e Mestrado em Educação pela PUC Goiás (2004). Atualmente é instrutora da Escola de Governo Henrique Santillo/SEGPLAN–GO. Estatutária da Secretaria de Educação

do Estado de Goiás, atua como Coordenadora pedagógica Geral da Escola de Tempo Integral Ismael Silva de Jesus. Atuou como Tutora de área de Língua Portuguesa pela SEDUCE-GO e a distância pelo Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio no SisMédio. Exerce a função de Professora Tutora de Aperfeiçoamento em Língua Portuguesa e Libras EaD e revisora geral de material instrucional no UNIGOIÁS. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística e gestão escolar, atua principalmente nos seguintes temas: Libras, leis, educação, formação de professores, Análise do Discurso Crítica e Educação Inclusiva

Paulo César Trindade Vieira

Docente junto a Universidade Católica de Brasília de 1996 a 2018; é jornalista, mestre em Educação Física, Esporte e Sociedade com estudo área de multimídia sobre os Jogos Olímpicos de Sidney – UCB (2002), especialista em “Aprendizagem Cooperativa e Tecnologia Educacional” – UCB-CV-EAD (2008). Possui graduação em Educação Física pela Faculdade Dom Bosco (1987) e Comunicação Social – Jornalismo – UCB (2003). É doutorando em Psicologia pela Universidade Católica de Brasília – UCB (2014). Em 1996, teve a honra de estar a convite do Governo de Taiwan no Fu-Husing-Kang College em Taipei; onde viveu experiência singular no “Curso Superior de Desenvolvimento Nacional para Estrangeiros”. Professor da Universidade Católica de Brasília de 1996 a 2018.

Paulo Henrique Basilio Alves

Psicólogo formado na Universidade Católica de Brasília (UCB) com formação em Psicologia Clínica Fenomenológica-Existencial, com carga horária de 320 horas, pela AfEthos – Espaço Terapêutico. Participou do programa de monitoria do curso de Psicologia da UCB como monitor das disciplinas de Psicologia Social, em 2016, e Psicologia Social II, em 2017. Foi aluno de Iniciação Científica com caráter voluntário de 2015 a 2016 e bolsista FAP-DF de 2016 a 2017 no projeto Religiosidade do Imigrante: Sintoma ou Saúde? Investigação com profissionais de saúde mental brasileiros e portugueses (RISS) e PIC/UCB no projeto Violência(s) contra mulheres donas-de-casa: Ausências de direitos e impactos na saúde mental (VISMM) no ano de 2018.

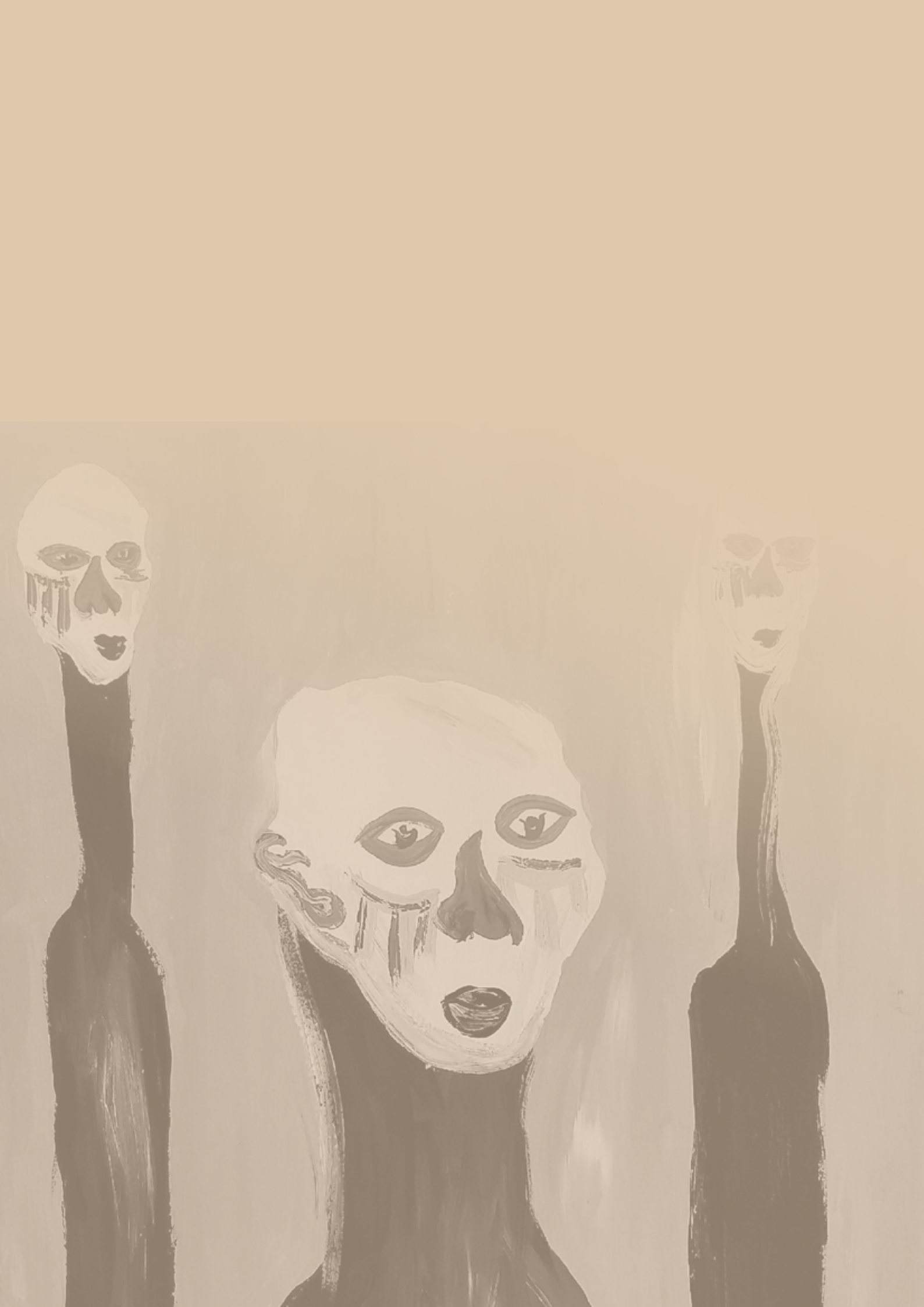
Tally Warszawski

Psicóloga formada pela Universidade Veiga de Almeida, com experiência em atendimento clínico na área de Psicanálise e Esquizoanálise, Plantão Psicológico em ONGs, e na área de Saúde Mental (SUS). Participante da pesquisa Outras Palavras – Psicologia da Diferença, da Universidade Católica

de Brasília, na área da Esquizoanálise, coordenada pela Doutora Ondina Pena Pereira. Artista Plástica autodidata com experiência na área da pintura

Wysllen Thayelwisk Custódio Ferreira

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Católica de Brasília (2019). Possui atuação em Psicologia clínica, com atendimentos individuais e grupos. Atualmente é preceptor da Clínica de Psicologia da Faculdade Anhanguera. Atuou como intérprete de LIBRAS. Também possui experiência com atuação em espaços de produções artísticas com mediação de arte e Intérprete de LIBRAS. Integra o projeto de pesquisa Outras Palavras (desde 2018). Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Clínica, atuando principalmente nos seguintes temas: clínica, supervisão clínica, questões LGBTQIA+, gênero e sexualidade, inclusão social e psicologia política



Colaboradores

Alice Rejany Nogueira Carvalho

Psicóloga formada pela Universidade Católica de Brasília, Especialista em Psicologia da Saúde (CRP-01). Atuou como voluntária no Programa de Iniciação Científica pela Universidade Católica de Brasília em Sistemas conjugais e familiares em diferentes contextos coordenado pela Prof^a Dr^a Maria Alexina Ribeiro. Possui experiência em Psicologia Clínica e Intervenção Psicossocial. Foi membro por três anos da associação MOLEC (Movimento Lazer, Esporte e Cultura) inscrita no CNPJ 19.843.019/0001-28 com sede no bairro INCRA-08/Brazlândia. Possui formação em Gestalt-Terapia pelo Instituto de Gestalt-Terapia de Brasília - Jorge Ponciano. Especialista em Saúde Mental do Adulto pelo Programa de Residência Multiprofissional da Escola Superior de Ciências da Saúde (ESCS), mantida pela Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde (FEPECS) vinculada à Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal. Membro do Coletivo de mulheres antimanicomiais Utopia Viva do Distrito Federal, membro de grupos de estudos em Psicanálise e Cultura e Corpo e Psicanálise. Atualmente atua na clínica e como Acompanhante Terapêutica pelo viés psicanalítico. Interessada em Psicanálise, Esquizoanálise, Saúde, Clínica, Arte, Cultura e Políticas.

Ana Clara Martins da Silva Walker

Estudante de Psicologia da Universidade Católica de Brasília, tenho grande interesse por trabalhos voluntários e ações sociais, pois me sinto muito bem ao compartilhar conhecimentos adquiridos ao longo do tempo. Tenho um interesse futuro de trabalhar no programa Médicos Sem Fronteiras e penso que esses trabalhos contribuem muito para meu crescimento pessoal, tanto quanto ser humano, como profissional.

Luender Rytchell Martins Silva

Graduado em Psicologia pela Universidade Católica de Brasília (2020).



Agradecimentos

Em apoio à pesquisa *Outras Palavras*:

Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal – FAPDF

Universidade Católica de Brasília – UCB



Apresentação

Este vocabulário é uma construção colaborativa de um pequeno grupo de pesquisa vinculado à Universidade Católica de Brasília. Desde 2010, o grupo se reúne em torno de projetos de pesquisa e intervenção que têm em comum as atuações com populações vulneráveis. O projeto “Outras Palavras” dá continuidade a este longo percurso de pesquisas e intervenções, que abriga um sem-número de monografias, dissertações e teses.

Cada estudante que passou pelo grupo carrega consigo o aprendizado de sua autoria, dos encontros, das intervenções e supervisões, dos cursos e leituras compartilhadas; dos eventos próprios e externos, das conferências, do processo de escrita, das oficinas, das colaborações com profissionais externos, palestras. Ao mesmo tempo em que o percurso funcionou e funciona em conjunto com o Ensino e ações de cunho extensionista, deixa marcas em todas as pessoas que tiveram seu caminho cruzado com este. Efeitos dos quais nunca se saberá completamente.

Deste percurso, cumpre que destaquemos pelo menos dois marcos. O primeiro data de 2014, quando realizamos uma série de intervenções aliançadas com as teorias feministas e com foco na violência de gênero. Essa experiência nos levou a novas reflexões sobre o papel da Psicologia no enfrentamento de distintas violências, considerando que o sexismo, o racismo, a pobreza, entre outras categorias, estão profundamente enraizados em nossa sociedade e organizam as discriminações.

Estas experimentações em torno da violência de gênero (PEREIRA; TIMM, 2015; PEREIRA et al, 2019) gestaram o projeto que tem neste vocabulário um produto. E este é o segundo marco que convém destacar: o vocabulário, a ser apresentado a seguir, como um limiar atravessado no percurso do grupo. Sua construção foi fruto de uma intensa colaboração do grupo, em sua versão mais numerosa, multidisciplinar e maturada.

Pela simplicidade intencional com que fora escrito, o vocabulário auxilia que o próprio grupo local comece a se afirmar deste campo – uma vez que a pergunta pela abordagem é recorrente. Auxilia também outras

profissionais, da psicologia ou não, a terem sua prática, percepção e produção fora do paradigma da representação. Isto significa retirar o foco da norma para colocá-lo sobre a diferença que é percebida em meio à repetição.

A Psicologia da Diferença consiste na criação de um campo conceitual que reúne algumas teorias e ações psicológicas cuja principal característica é a de exercer uma função crítica aos sistemas hegemônicos de significação e poder, especialmente no tocante ao pensamento sobre as diversas vulnerabilidades humanas. Mas “conceitual” não é sinônimo de “abstrato”: um conceito tem relações concretas com as vivências, com o mundo, com a “realidade”. Assim, o campo conceitual da Psicologia da Diferença consiste também em um campo de práticas críticas.

Como dito anteriormente, este vocabulário marca um importante traço nesse processo sempre aberto de constituição. Nele estão colocadas e, algumas vezes, exemplificadas as principais definições pelas quais buscamos fazer consistir este campo. Em cada verbete, as autorias se diferenciam da sua abordagem de origem, seja ela humanista, gestaltista, lacaniana, esquizoanalista, e da sua inserção na prática, como na docência e nas artes plásticas, num movimento de aproximação da Psicologia da Diferença. Em diferentes medidas, cada uma das “outras palavras” é uma experimentação.

Cada verbete se faz acompanhado de uma experimentação artística. Obras construídas pelo próprio grupo no âmbito das vivências concretas da pesquisa Outras Palavras, buscando desta forma transitar entre conceitos a partir de relações concretas com o mundo, com a realidade. Assim, as peças resultantes da experimentação formam duas séries distintas mas conectáveis: uma de rostos e outra de paisagens, duas explorações singulares no campo da criação plástica.

A série de rostos pertence inicialmente à monografia “Mulheres Cansadas: (des) territorialização do corpo” (WARSZAWSKI, 2019) e a série de paisagens foi criada no contexto de experimentações com o desenho de paisagem na docência no ensino superior, e se trata de parte de tese abrigada pela pesquisa. Aqui, as séries de verbetes, rostos e paisagens estão experimentalmente bricoladas, de modo a tencionar criar outra coisa à perspectiva de quem lê e permitindo uma modulação da própria leitura a partir de atravessamentos; vazamentos que a arte permite (e aqui escolhemos a arte visual, mas poderia ser musical ou outra qualquer); tratando de perceber diferentes formas de existências como potência criadora e articulando ética e estética.

Entendemos que produzir um texto ou uma pintura são experiências corporais ativas e implicam em ato de elaboração de sínteses, uma desconstrução sistemática e permanente de rearticulação de ideias. Então, a experimentação artística tornou-se para nós uma ferramenta de investigação

das próprias formas de subjetivação capaz de produzir afetos nos corpos operantes.

Na série textual, buscamos uma linguagem acessível a estudantes de graduação e profissionais interessadas. Na construção e editoração dos verbetes e do glossário, foi necessário um esforço de tradução do conjunto de filosofias e teorias trabalhadas e pouco exploradas para possibilitar um entendimento introdutório, mas já operacional. Tal esforço conjunto envolveu a conjugação de simplicidade (para iniciantes) e certo rigor.

Os verbetes respondem, pois, à necessidade de “instrumentalizar”, referenciar uma prática psicológica e clínica, permitir modular a ação e atuação de quem lê. Ao mesmo tempo sem perder o que os conceitos têm de mais potentes, subversivos, adequados em suas filosofias de origem. O rigor, portanto, não diz de uma adequação ao *Gosto*¹ de colegas de campos vizinhos ou de estudiosos² das mesmas obras e autorias nas quais nos referenciamos; o rigor diz de um cuidado. Ou seja, para que o esforço de comunicação e tradução não traia aquilo que os pensamentos têm de mais potente em relação ao trágico dos dramas que enfrentamos na clínica e fora dela; aquilo de mais afirmativo do que a ordem constituída nega; e aquilo que tem de mais feliz ao gosto de modos de vida por criar.

Instalamo-nos na contracorrente das configurações psicológicas normativas, excludentes e inibidoras da criação de novas formas de vida e novas significações, assim como de um modelo de produção do sujeito humano. Trata-se, pois, de reconhecer diferentes formas de existência ocultadas no processo de positivação das significações hegemônicas. Na perspectiva da diferença, as significações ocultas se revelam como potências criadoras de sentidos emancipadores.

Então, a Psicologia da Diferença, por meio também deste vocabulário, torna-se um programa que resulta na problematização. E o faz de maneira interdisciplinar para desenhar a desejada articulação entre psicologia, ética e política. Reúne o fundamental das contribuições de vários pensadores, dentre os quais, Espinosa, que se destaca como eixo em torno do qual se articulam os cruzamentos teóricos realizados.

1. Aqui como no restante da obra, as palavras que são verbetes do próprio vocabulário estão destacadas de itálico.

2. Neste texto adotou-se um sistema gramático não-binário em relação ao gênero.

A nossa escuta é mediada pelo campo conceitual ora esboçado. Por essa mediação, é sensível às múltiplas significações que surgem na diversidade de violências que tentam bloquear o surgimento de vidas dissidentes, termo que usamos para designar as vidas chamadas vulneráveis e que assim se tornam por força de estruturas excludentes. Em suma, a prática desse programa ético e político é um exercício de alteridade radical.

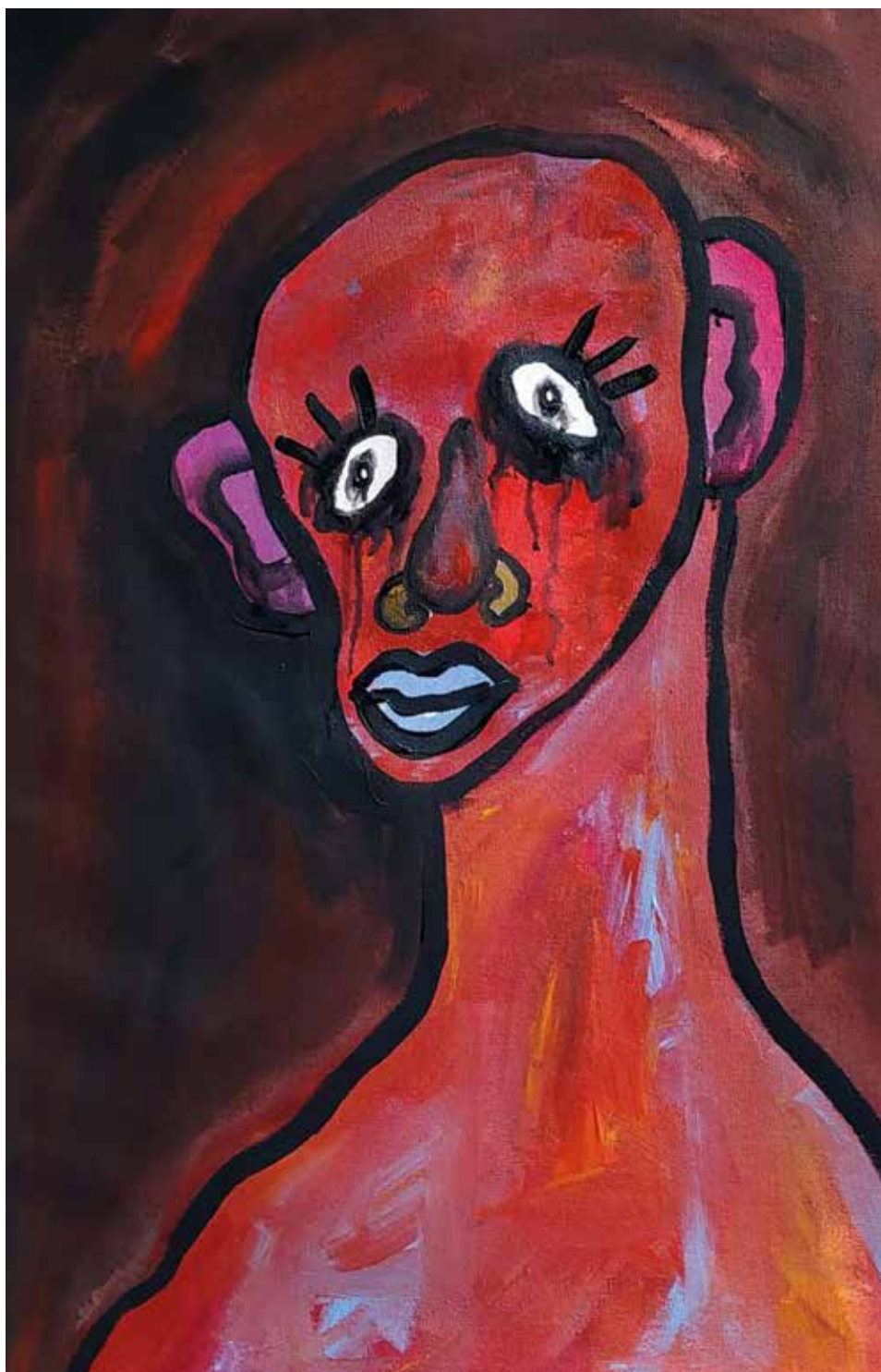
Que os verbetes funcionem no sentido de aumentar a potência das atuações de cada uma, acoplando-se a outras práticas, outras teorias, outras percepções e atuações, mas também as diferenciando em favor de modos de vida cuja consistência se estabeleça por nossos desejos.

Ondina Pena Pereira
Argus Setembrino
Carla Freitas Pacheco Pereira

SUMÁRIO

Acontecimento	25
Afecção	27
Afetos	27
Alteridade	33
Arranjo	31
Cartografia, Método da	35
Clínica	37
Codificação	39
Corpo	41
Crise	43
Desejo	45
Desenhador	47
Desenho	49
Devir	51
Diário de Bordo	53
Diferença	55
Drama	57
Encontro	59
Experimentação	61
Força	63
Gosto	65
Implicação	67
Inconsciente	69
Intensidade	71
Narratividade	73
Percepção	75
Real	77
Representação, Sistema de	79
Rosto	81
Singularidade	83
Sufrimento	85
Território	87
Tipo Psicossocial	89
Vida	91
Virtual-Atual	93
Anexo – Oficina-experimentação da pesquisa	95
Referências	97

Sem título. Acrílica sobre tecido
de algodão. 80x60cm
Tally Warszawski



Acontecimento

Nossas vidas têm, ao menos, duas dimensões: uma extensiva (corporificada, material, concreta) e outra intensiva (abstrata, virtual, em movimento, instável). Quando se trata da relação ao tempo, a *intensidade* é o acontecimento. Ele é o duplo da história, pessoal e política. Por um lado, o acontecimento fica mais evidente quando algo inusitado, disruptivo, inesperado ocorre – por exemplo, uma analisante faz algo “do nada”. Ou quando percebemos uma “bagunça” no tempo, na ordem mais naturalizada das coisas – “minha ferida veio antes de mim, nasci para encarná-la”, “Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que jogou hoje”. Porque os acontecimentos são virtuais, não seguem a mesma dinâmica do que se atualiza agora no tempo e no espaço, o acontecimento pode se impor na “realidade” a despeito dela.

Assim, por outro lado, ele é algo que tem o privilégio de poder recomeçar a qualquer momento, isto é, o privilégio de sempre poder retornar, mas de modo diferente. Isto porque o acontecimento (virtual) é a causa e a razão do evento, ao mesmo tempo em que é a parte que escapa do evento (atual). Ele acontece sem se esgotar, enquanto aquilo que ocorre se esgota. O que coloca ao acontecimento no mínimo duas possibilidades: a de poder retornar e, nesse sentido, é uma *espera*; a de não se esgotar em sua materialização, e, nesse sentido, é uma *reserva*.

Uma fórmula ética germina aí: “estar à altura do que nos acontece”. Isso significa que é necessário estar em um exercício contínuo, cotidiano, em relação às repetições que estão sempre porvir, e, contar com elas tenciona nossas vivências e contextos. Daí a necessidade de cultivo de uma sensibilidade para antever os acontecimentos porvir.

Na *clínica*, esta fórmula ética pode ser uma direção da nossa conduta, principalmente ao lidar com eventos “traumáticos”, mas não somente. E considerar os acontecimentos nos provoca diversas disposições ou atitudes: de espera e espreita aos movimentos; atenção ao que retorna e às diferenças com que retorna; abertura e sensibilidade àquilo que busca expressão por

meio de uma disjunção, um disparate, um imprevisível, uma *crise*.

As *narrativas* trazem eventos passados, ou seja, as pessoas chegam com eventos que já passaram e na realidade histórica já estão dados. Como é possível diante de um evento fazer acontecimento? Valorizando, em nossa intervenção, as diferenças com que o evento retorna, além dos efeitos do retorno que é o que comumente somos convocados a nos atentarmos. Por ser a parte que escapa ao evento [reserva], o acontecimento é a parte com que podemos lidar na virtualidade de um futuro histórico, experimentalmente.

Caminhos cerrados no 01. Aquarela sobre papel algodão 300gr. Tamanho 31x23cm - Carla Freitas



Afecção

Afecção pode ser definida simplesmente como contato (em sentido amplo), relação, e, mesmo, troca, comunicação, de que resultam os *afetos*. Em outras palavras, uma afecção é a ação de um *corpo* sobre o outro, que irá então afetá-los ambos. Ocorre não somente entre corpos humanos, como as afecções entre terapeuta e analisante (pessoa atendida), por exemplo. Mas é algo pensado universalmente, no sentido de que há afecções entre pessoas, coisas e tudo que é físico, mas também afecções de ideias, pois elas também geram afetos. Um bom sinônimo para afecção pode ser inter-ação.

Há afecção o tempo todo: quando bebemos (ação da água no corpo e do corpo na água), quando lembramos de uma experiência boa, estejamos conscientes ou não. Nos *encontros* de que resultam os afetos, participam inúmeras afecções, motivo pelo qual não há garantias se consideramos essa pluralidade que forma um conjunto sempre único, *singular*.

A ação *clínica* pode ser uma afecção que gera afetos que potencializam u analisante. Faz parte do manejo por parte do psicólogo o manejo das afecções, de modo a propiciar a *percepção* dos bons ou maus encontros, oportunizando a seleção pela analisante das afecções que lhe potencializam ou enfraquecem.

Há sempre regimes de afecção a serem mapeados, sobretudo em casos designados como de transtorno de humor ou timopatias. Regime não no sentido de um conjunto de regras, mas no sentido de que há afecções que se repetem, que ocorrem reiteradamente, constante e cotidianamente, que podem estar vinculadas aos *tipos psicossociais* encarnados.

A ação *clínica* não precisa necessariamente consistir em um regime de afecções, mas agir sobre afecções que despotencializam (tristes), produzindo afecções que fortalecem. O mapeamento de um regime tem o sentido de contribuir para que o encontro psicossocial tenha este sentido de produzir afecções potencializadoras.

Sonho. Acrílica sobre tecido de algodão. 80x60cm - Tally Warszawski



Afetos

Em Psicologia, os afetos são genericamente entendidos como sentimentos. Mas de uma perspectiva espinosana (Spinoza, 2009), os afetos são uma contínua variação (aumento ou diminuição) da força de existir, originada da *afecção* dos *corpos* e das ideias. Deleuze explica que os conceitos espinosanos sobre ideia e afeto são dois modos de pensamento que se diferem em natureza e são irreduzíveis um ao outro. Enquanto a ideia é um modo de pensamento representativo o afeto é um modo de pensamento não representativo, e apesar deste pressupor aquele, um afeto não se reduz a nenhuma ideia.

Alegria, tristeza e *desejo* constituem os afetos primários, e dessa base se originam as diversas nuances do espectro emocional. Sendo a alegria o aumento da potência de agir ou força de existir e tristeza a sua diminuição, o desejo pode ser alterado pelos afetos que envolvem esse aumento e diminuição – que por sua parte se relacionam com os objetos da consciência. Assim, os afetos se relacionam com as ideias e o sujeito é atravessado por essas afecções num movimento de pensamento afinado ao afeto em questão. Da mesma maneira, por seu conteúdo representacional, as ideias referem-se a objetos investidos afetivamente (Gleizer, 2005).

Qualquer ação livre envolve desejo e outros afetos. Por exemplo, alguém que escreve um cronograma semanal ideal de sua rotina de trabalho, estudo, lazer e se queixa de não conseguir segui-lo: à primeira vista, aparenta executar atividades de forma pouco carregadas afetivamente, visto que podem ser interrompidas com certa facilidade. Por outro lado, se essa atividade envolve excitação, ocorre com pouca ou nenhuma interrupção, mesmo com outras demandas internas ou externas. Há ainda momentos em que afetos concomitantes e opostos levam à paralisia e ao impasse. Sem intensidade não há constância, sendo levados pelo menor impulso ou se imobilizando pela pouca importância dada aos eventos. Assim, as pessoas se frustram pela dificuldade em concretizar tais projetos apoiados sobre o dever, tais como horários para dormir e acordar, dietas restritivas, trabalho

formal ou atividade física com finalidade secundária. Observamos que essa programação, em momentos de maior vulnerabilidade, é suplantada pela necessidade de viver com carga afetiva, tal como estar com pessoas desejadas, brigar e discutir, sair para lazer, ler uma ficção ou mesmo buscar a quietude de uma memória triste.

Caminhos cerrados no 02. Aquarela sobre papel algodão 300gr. Tamanho 31x23cm - Carla Freitas



Alteridade

Uma primeira definição de alteridade é de uma qualidade ou estado do que é o outro e do que é diferente. Neste sentido, o “eu” individual somente existiria a partir da existência do outro. É uma definição muito cara à Psicologia hegemônica, pela qual o psicólogo, como indivíduo, tem que ser capaz de se colocar no lugar do outro, estabelecendo por meio do diálogo o acolhimento e uma valorização da *diferença*. Existindo numa situação de contrastes, o eu, o outro, cada um sendo o que é, se faz ser pelo que é. O outro vê o outro do jeito que ele é, independentemente da subjetividade que traz ou guarda. No distinto de um se tem o reconhecimento do outro. Sua história, cultura e memória guardam o que o outro respeita.

Neste primeiro sentido, alteridade é o exercício de perceber a diferença entre o eu, o outro e os outros. Aprender e praticar o convívio com estas diferenças caracteriza o que se chama aqui de alteridade. Aqui, então, neste contexto, perceber e reconhecer a diversidade, assimetrias e diferenças, é condição para o ser altero. Mais que perceber ser outro é ser você autêntico, sujeito que difere na medida em que, sendo quem se é, respeita o outro na sua razão diferente. Até aqui, trata-se de uma psicologia que buscamos problematizar.

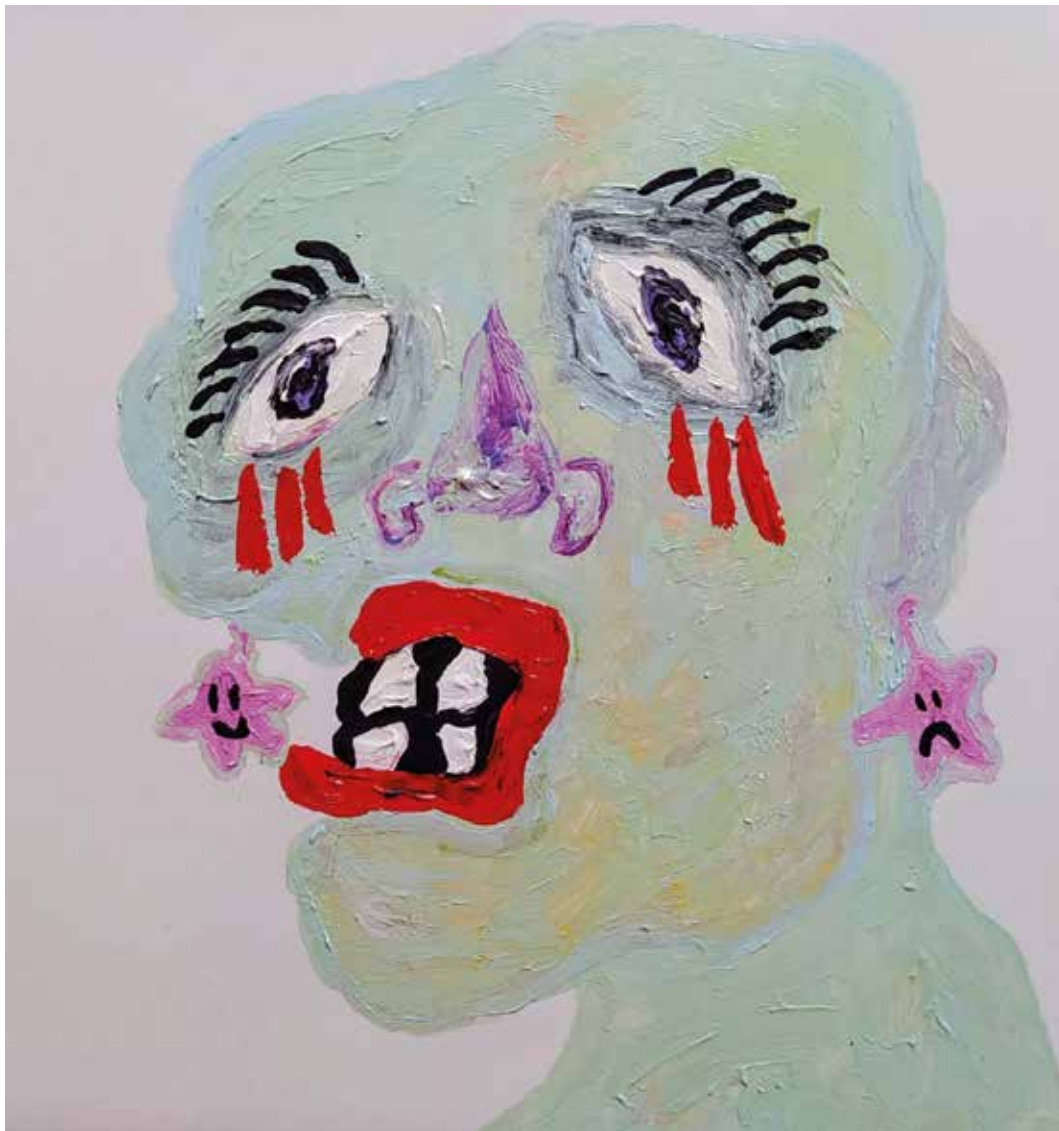
Uma acepção de alteridade construída por Lévinas, o rosto, que carrega o infinito e nos interpela, já começa a dissociar alteridade de identidade, produzindo com isso uma possibilidade de encontro com a Psicologia da Diferença. O outro não pode ser apreendido nem se tornar o mesmo, mas sempre está além. Ele é incontível. Somente no encontro face a face com o Outro, é possível superar a identidade e a identificação. Apenas no ato de separar-se, pode haver um verdadeiro encontro: que o outro se antecipe ao seu ser-para-outro.

Na *clínica*, essa acepção já provoca a assumirmos a responsabilidade pelo outro em sua vulnerabilidade, desfazer a recusa de escuta ao que nos é doloroso, incômodo, repulsivo, estranho... e a entender o outro como outro, e não um “eu diferente”. Adicionalmente, essa alteridade radical se passa a

todo instante na clínica, já que ela supõe para todas as partes algum abandono da mesmidade, alguma diferenciação de si mesma.

Alguém que queira se diferenciar, isto é, abandonar a mesmidade vai se deparar com o estranho, abandonar linhas do habitual. Entrar em *devir* implica alteridade, já que o devir é sempre devir-outra, seja este outro encarnado e diante de nós ou lembrança, marca, ressonância, afecção. Como a existência do outro pode afetar nossa própria existência? Qual responsabilidade temos sobre a vida deste sujeito? Não somente a de contribuir com a constituição da pessoa atendida, mas constituir-se também outro junto a este no trabalho de escuta. Além disso, nunca tentar reduzir o sujeito a mesmidade, mas sempre contemplar sua diferença e seus processos de devir-outra.

Série Azulejos. Acrílica sobre azulejo. 20x20cm - Tally Warszawski



Arranjo

São jogos de poder atravessados pela política. Relações de poder se referem às políticas que estão em jogo, sejam elas de estado, partido ou lugar. A política se faz nesses arranjos locais por microrrelações as quais evidenciam as relações micropolíticas de poder. Na Psicologia da Diferença, os arranjos se fazem presentes em todos os momentos, desde a indicação do sujeito por um órgão público, por exemplo, até a chegada dele ao psicólogo, bem como os arranjos entre eles. A *clínica* vai exigir um procedimento que se faz a partir do encontro dos sujeitos, e, além disso, pelo que se expressa nesse encontro. Assim, o arranjo pode ser compreendido como composição que vem do exterior, à diferença do *encontro* segundo as normas do ser. O poder vem de fora, que se efetua por arranjos.

Vivemos em arranjos, neles amamos, trabalhamos, convivemos, sentimos, lutamos, sofremos. Uma ação clínica é o mapeamento conjunto desses arranjos, a maneira como eles se dobram em nós e em quem atendemos, mas também como a própria clínica se configura como um arranjo. As relações de poder devem ser observadas por qualquer psicólogo, mas na Psicologia da Diferença essa dimensão política é ainda mais preponderante, pois destes arranjos são geradas formas individuadas, isto é, os próprios sujeitos.

Um exemplo de caso é de uma mulher que se sente impelida a permanecer em um casamento desagradável porque é malvisto se separar; adiar os seus desejos de estudar e progredir na profissão para ficar em casa, cuidar dos filhos e fazer jantares – deveres de uma mulher; e sente que são “feios” seus comportamentos que destoam disto. Contudo, os comportamentos e anseios considerados errados, o são segundo os arranjos em que ela vive (casamento, feminino), e por outro lado seus encontros é que são considerados por ela empobrecedores do viver, porque avaliados segundo esta vida arranjada.

Vastidão. Aquarela sobre papel algodão 300gr. Tamanho 31x23cm - Carla Freitas



Cartografia, Método da

O método da cartografia (Passos et al, 2009; 2013) é um desenvolvimento feito a partir da cartografia de Deleuze e Guattari. Trata-se de cartografia esquizoanalítica tornada método de pesquisa, e com isso subordinada e vinculada aos arranjos institucionais da Pesquisa – apreendida como instituição. É uma maneira de se valer da Filosofia da Diferença em meio ao contexto concreto da pesquisa, fazendo frente às abordagens positivistas. Ela seleciona alguns aspectos e não outros, e tem o efeito de desterritorializar a Pesquisa em relação aos moldes “tradicionais”, assim como desterritorializar a própria Cartografia, atualizando alguns aspectos e não outros – como é próprio de qualquer estratificação.

O que consideramos mais relevante é que, diferentemente de métodos de cunho cartesiano em que o pesquisador observa de fora, a cartografia se inscreve dentro de um contexto de implicação onde o cartógrafo afeta e é afetado no e pelo território do qual se aproximou. Também não se inicia com a priori ou conhecimentos anteriores ao contato, pois os conhecimentos se darão na ação. Aqui não tem coleta de dados, o que há é criação. A cartografia acompanha processos e estes sempre vão estar nos *acontecimentos*. No contexto clínico, o método cartográfico propõe-se a cartografar os fluxos, as afetações, as *intensidades dos encontros*.

O cartógrafo tem uma forma especial de fazer funcionar a sua atenção que não significa, simplesmente, seleção de informação, pois essa estaria situada na política cognitiva da *representação*, que não é o sistema de pensamento no qual o cartógrafo se insere. Ele não pode selecionar ao seu bel prazer segundo critérios que ele conheça de objetividade ou coisa parecida. Para Merleau-Ponty é como se você estivesse determinando, num campo perceptivo dado, quais são os elementos. Ele está dizendo que não é isso que é a *percepção*. Não se vai a um campo já dado, mas constitui-se um campo. O próprio campo perceptivo é constituído pela atenção. O cartógrafo assume essa imprevisibilidade, traça territórios e compõe processos. Em sua dimensão organizada e funcional, o cartógrafo pode se configurar como um

tipo psicossocial da Psicologia da Diferença.

Um exemplo de experiência cartográfica é a leitura das próprias anotações clínicas ou diário de bordo de pesquisa. Ao ler e escrever sobre o que foi lido, ao “tatear com os olhos” ou buscar uma outra percepção do que foi escrito, começam a emergir outras realidades, nuances e aspectos. A diferença entre a autopercepção no momento da clínica e no momento de escrever sobre ela, uma vez que no primeiro interessa mais a experiência da pessoa – o que produz efeitos no encontro clínico subsequente. E também, ainda como exemplo, a constatação de que estamos sempre *implicades*.

Série Aquarela. Aquarela sobre papel cansón. 21x29,7 - Tally Warszawski



Clínica

Consideramos a clínica em um sentido amplo, não limitado ao espaço de uma organização ou consultório, não limitado ao tempo de uma sessão. Ela pode ocorrer e acontecer em qualquer espaço-tempo. Mas esta amplitude não se confunde com ausência de critério, isto é, não é qualquer coisa que é uma clínica ou uma clínica diferencial, no sentido da *Diferença* ontológica.

Há clínica quando há um *encontro* atuante na micropolítica, sem objetivo delimitado e que permite criação, insurgência, desvios das ordens adoecedoras que se dão no cotidiano de cada pessoa. Então, em Psicologia da Diferença, a clínica é estética, no sentido de poiesis como ato criador; é ética, porque voltada à produção de emancipação; é espontânea, no sentido de não dispor de regramento e roteiro prévio e transcendente ao encontro pautado por uma ética da potência; admite programas referenciados na exigência de liberação das diferenças, das multiplicidades. Onde houver essas inclinações, há clínica; o encontro que as atualize, é um encontro clínico; a clínica que tenha este efeito é uma clínica Diferencial.

Além serra. Aquarela sobre papel algodão 300gr. Tamanho 31x23cm - Carla Freitas



Codificação

A codificação é uma forma de reduzir *singularidades* a um sentido comum ou dominante. Por um lado, a codificação da diferença, nomeação dos termos adequados para falar sobre a diferença acaba por engolir processos de alteridade e implicam em uma sensação de constrangimento, como se reverberasse a nomeação de algo que deve ser silenciado. Nomear, codificar, estabelecer e preservar regimes de signos são processos que carecem da nossa atenção, pois têm atravessamentos que perpassam qualquer construção e compõem os territórios. A codificação na linguagem não alcança a dinâmica da singularidade e ressalta a postura de estar fora do esperado na normalidade construída de fora. Estar à parte do padrão hegemônico gera sensação de constrangimento, e nomear faz parte do reconhecimento do que se deveria excluir, faz parte de qualquer juízo moral. A Psicologia da Diferença questiona a padronização que busca juntar o não igual e quase indigno de existir na sociedade. É desta forma que nos opomos de forma contundente ao movimento de padronização, uniformização, homogeneização de que participa a produção de códigos.

Por outro lado, vivemos entre codificações, necessitamos delas para continuar vivendo. Em uma dada situação (clínica, grupal, educacional) em jogo, interessará à Psicologia da Diferença avaliá-las constantemente. Ou seja, quanto e como as codificações estão afeitas às vidas em questão; quanto e como são atos de redução *desejados* ou *arranjados* de fora; que *intensidades* ou *Diferenças* são excluídas. Pois se as codificações estão por toda parte, importa a escolha de quais códigos fazemos uso e quais criamos nos *territórios* em que vivemos.

Série Aquarela. Aquarela sobre papel canson. 21x29,7 - Tally Warszawski



Corpo

Muitas vezes repetimos essa pergunta de Espinosa: o que pode um corpo? Um corpo tem graus de dureza, assim como tem graus de fluidez, é essencialmente elástico, mas também é compressivo. Essas forças elásticas-compressivas agem sobre a matéria do mundo. O corpo conhece muito mais do que a consciência é capaz de alcançar, e sendo assim o corpo é elemento ativo na produção da experiência de existir. Um corpo é composto por um conjunto de relações: de composição e/ou de decomposição, que por sua vez se relacionam com a ideia de aumento ou diminuição de potência; relações de movimento e *afecção*. Somos um conjunto de relações em todos os sentidos, o que significa que estamos em constantes *encontros* e *arranjos*, que produzem *afetos* e afetam outros conjuntos de relações, outros corpos. Daí a noção de corpo implica também em perceber a *alteridade*, a *força* ou potência do meu corpo em relação com a alteridade pode ser uma composição de maior ou de menor potência, pode ser de decomposição, inclusive.

Então, o corpo pode se colocar em relação aos outros corpos compondo e decompondo, produzindo afetos e *intensidades*, constituindo *territórios*, desterritorializando, reterritorializando afetos. Um corpo potente está em constante produção de devires.

Considerar o corpo na clínica tem, portanto, algumas consequências: que o conhecimento está além da consciência, está além do pensamento. Está no corpo, de modo a-significante, o que é uma forma de falar do *inconsciente*; que o corpo e seus afetos indicam uma qualidade dos encontros e arranjos; que o desconhecimento do que pode o corpo lança a necessidade de (sempre prudentes) *experimentações* de que não se saberá completamente o resultado.

Encontro nº 01. Aquarela sobre papel algodão 200gr. Tamanho 14,8x21cm - Carla Freitas



Crise

Compreendemos por crise a própria existência, na medida em que esta corresponde a um processo contínuo de puro movimento, pura duração. Em movimento, nossa existência demanda um processo contínuo de reelaboração, de reajuste entre *forças* e formas. A crise deixa de ser produtora de formas e passa a ser problema quando interpretamos a tensão gerada por esse movimento contínuo como sintoma e tentamos, então, paralisá-la, por meio de uma prática reativa, que tenta interromper o processo e se fixar em lugares ilusoriamente seguros. O que distingue a crise de outros processos, portanto, é o apego a antigas formas que já estão em dissolução por novas forças que se impõem, fazendo que tentemos conservar as formas e parar o processo.

Na clínica, a crise pode coincidir com uma alta intensificação de algum processo: um pico na curva de distribuição, um paroxismo, um ponto crítico no processo, uma acentuação de um sintoma. Mas o que esses extremos denotam é precisamente a imposição de outras forças, outras *intensidades*, que exigem novos *encontros*, novos *arranjos*, novas formas.

Um exemplo fácil é um término de relacionamento conjugal em que o investimento permanece a uma imagem do outro e do relacionamento que não existe mais, ou que pede passagem a outras formas e configurações. Mas também as crises mais declaradamente sociais, ambientais, políticas, envolvem sempre uma insensibilidade a novas forças e formas, e uma recusa ou impossibilidade de criação.



Desejo

O desejo que nos interessa é o desejo como positividade. Deleuze e Guattari, seguindo a proposta desenvolvida na *Ética*, de Espinosa, entendem-no como o oposto do desejo baseado na falta, este conectado a um objeto originário, perdido. Para Espinosa, Deleuze e Guattari, o desejo é potência criadora, ao qual não antecede nenhum objeto faltoso. O desejo é nossa capacidade de estabelecer conexão entre objetos, entre fluxos. O desejo cria planos de consistência, porque promove essa confluência, isto é, estabelece ligação entre fluxos; plano de consistência é precisamente modo de conexão. Conectar fluxos é, ao mesmo tempo, desejar e realizar desejo. Trata-se de nos efetuar, tornando-nos potentes para agenciar, fazer agenciamentos, que é o mesmo que desejar. Assim, essa potência dos corpos para agenciar, que os faz livres, é desejo.

Contudo, nossa maior vulnerabilidade no mundo contemporâneo é estarmos desconectados da nossa potência de agir, isto é, impotentes para estabelecer conexões entre os fluxos por nós mesmos, e, com isso, criar um mundo plural, múltiplo. Sem conexão com nossa potência, tornamo-nos reféns das conexões que são feitas no exterior, à nossa revelia (*arranjos*). Assim, embarcamos nos desejos que não são nossos, mas que acreditamos ser. E ajudamos a reduzir o mundo à mesmidade, perdemos a *diferença*. Pensamos de maneira inadequada. E nos ligamos a certas coisas por nos deixar convencer de que são boas. Mas são apenas moralmente recomendáveis para todos, são ideais abstratos que se fortalecem com a captura da nossa *força*, do nosso desejo.

Espinosa nos ensina o contrário: alguma coisa é boa porque nos ligamos a ela, isto é, uma coisa é boa porque é parte de nosso plano de consistência. A vulnerabilidade de estar desconectado da nossa potência é um dos fatores mais presentes nas *clínicas*. Como ajudar a reconectar alguém à sua potência? Essa é a função mais efetiva da clínica. Primeiro, destruir as falsas conexões. E começar a detectar, nas *narrativas* das pessoas, as reais conexões que deseja estabelecer.

Ponte no horizonte. Aquarela sobre papel algodão 300gr. Tamanho 31x23cm - Carla Freitas



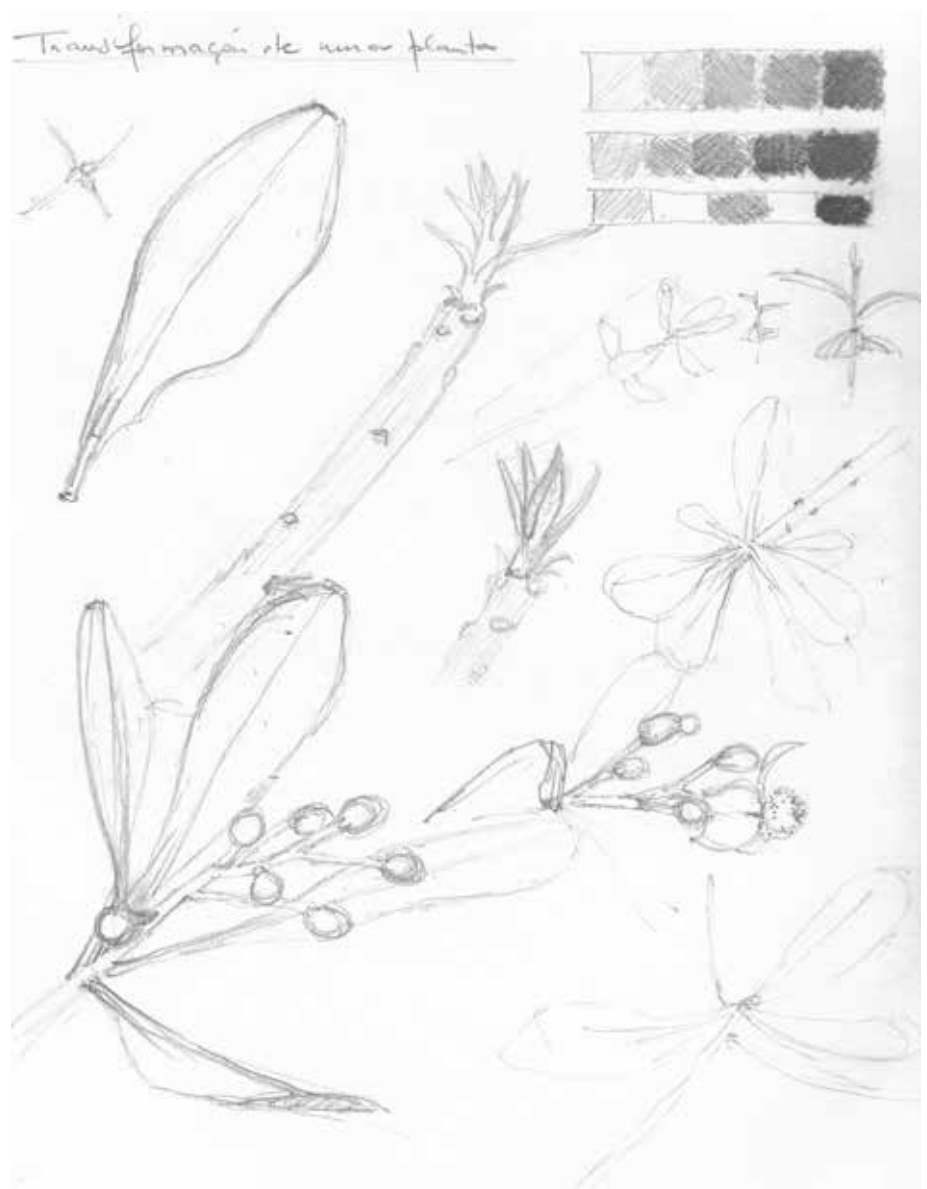
Desenhador

O desenhador, assim como o *cartógrafo*, traça linhas, compõe um *território*: tudo começou de um olhar, depois vieram o tato, o olfato, e mais um pouco, a audição. Era possível ser afetada de corpo inteiro por aquele-objeto planta. Mas que planta era aquela? Que corpo era aquele diante de mim? Uma planta. Como é sua forma? De que é composta? Como se articula? Muitas questões. E o olho vai percorrendo as pequenas partes da planta, descobre como estão unidas umas às outras. Insetos voam por toda parte e são eles também de vários tipos e formas; uns gritam (cigarras), outros picam (mosquitos), outros só dançam (moscas varejeiras), e ainda tem as abelhas que ficam pousando nas flores da planta. E o meu corpo desenhista no meio disso tudo? Meu corpo quer desenhar, traçar linhas que capturem algo de tudo isso para levar na memória esse encontro. Até que o olho e a mão aprendam juntos o que é essa alteridade parece que a tarefa de desenhar não vai dar certo. A mão precisa aprender a ver, é como se fosse tocando as partes do objeto-planta e registrando no seu caderno. E o olho por sua vez precisa abrir espaço para o sentido do tato, assim como as crianças que precisam ver com as mãos, até que apareça um adulto e interdite a descoberta dizendo: não pode, é para ver apenas com os olhos.

A primeira linha, a segunda linha, a terceira linha, todas parecem ainda sem forma. São apenas linhas em movimento, em um devir desenho ainda imperceptível. Se vai dar em alguma coisa ainda não se sabe. O gesto pode ser rápido ou lento - depende. Há formas que precisam ser traçadas lentamente, enquanto outras com mais agilidade. Oval, lento. Pontagudo, mais rápido. Já um escorço, técnica de desenho que deforma o objeto encurtando-o para aproximá-lo, precisa de muito mais tempo, pois requer esforço de compreensão e só depois ser traçado. Assim cada linha tem sua densidade, seu peso e um tempo no *desenho*. É preciso, ainda, respirar e ir decodificando cada linha e sua variação no desenho, pois nada é o que sabemos ser no mundo concreto, e tudo é ainda possibilidade e movimento do *corpo* desenhista. A planta está viva, também respira, se movimenta conforme o

vento, responde aos insetos que também se movimentam ao redor dela. Um corpo planta que dança enquanto um corpo desenhista tenta traçá-la. Planta, insetos, desenhista, todos corpos dançantes. Já diziam os grandes mestres da pintura que era importante ao aprendiz que desenhasse a partir do natural, sentir todos esses agenciamentos e *afetos* que só são possíveis quando dois corpos estão um em presença do outro.

No desenho acabado vai existir ali uma ideia de planta. O registro de um modo de pensamento representativo da desenhista que articulou de alguma forma imaginação e razão (Espinosa). E é o que se poderá ver dali por diante, porque do afeto produzido pelo encontro entre corpo planta e corpo desenhista, desse modo de pensamento não representativo, nada se saberá discursivamente. A não ser por essa cartografia, que nos dará notícias de que a desenhista desenhou a planta e, que, neste encontro de desenho, afetos alegres e potencializadores foram produzidos.



Cartografia experimental.
Lápis sobre papel canson
150gr. Tamanho 21x29,7cm
Carla Freitas

Desenho

A ação de desenhar produz o desenho. A palavra desenhar descende do latim *designare*, *de* (fora) e *signare* (marcar), assim, marcar por fora ou traçar algo para se colocar em relação com a *alteridade* é o que define a ação que produz um desenho. Entendemos que desenhar é experiência corporal e *experimentação* ativa que implica em ato de profunda observação para elaborar sínteses a partir daí. Trata-se também de uma desconstrução sistemática de óticas e uma permanente rearticulação do olhar, ver com o *corpo* inteiro, desenhar com o corpo inteiro. O olho é apenas uma pele que se especializou, transformou-se para captar de modo particular as *intensidades* do mundo. Assim, o desenhador deve iniciar sua operação *desarranjando* sua própria visão para receber estímulos – não apenas visuais – do objeto que se deseja traçar. E desta forma elaborar sua interpretação singular da alteridade objeto-mundo. Daí pensarmos o desenho como uma síntese de intensidades capturadas na aparição da alteridade. É deste acontecimento que advém o evento que é o desenho. O olho desenha simultaneamente com a mão, mas também com os braços e ombros, com o tronco, quadril e pés, e é preciso desterritorializar a mão, um corpo inteiro, e reterritorializá-los ao mesmo tempo que o olho. A operação de síntese visual consiste em registrar em uma superfície bidimensional o que o olho-corpo desvê e vê.

A noção de desenho como experiência de articulação simbólica o afasta da ideia inadequada de ser apenas técnica ou talento nato. Significa ver a partir de um modo muito próprio. É, também, aprender a acumular experiências, e desaprender a ver apenas com os olhos. Desenhar é inscrever, ou traçar em si algo capturado do mundo para se estar em presença deste outro, para fazer reverberar a intensidade de se estar em presença da alteridade. Desta maneira, para nós, a prática de desenhar aproxima-se da prática cartográfica.

Entendemos que existe aqui uma conexão com a Psicologia da Diferença, na medida em que possibilita a produção de fluxos de *afetos* e intensidades realizando o *devoir*-desenhador da própria existência. As linhas

que compõem alguém são os processos apreensíveis e designáveis por *narratividades*, conceitos, corporeidades, ações, objetos, dispositivos, mas que requer uma cartografia do clínico como do desenhar. Para que toda captura seja uma dupla-captura, isto é, para que aquilo que desenhemos também nos mude, e não apenas o desenhado.

Encontro nº 02. Aquarela sobre papel algodão 200gr. Tamanho 14,8x21cm - Carla Freitas



Devir

Num primeiro sentido, devir é o movimento de vir a ser e ir sendo. O próprio fluxo sempre em movimento. O devir é o desprendimento da ideia estática do Ser. É o *virtual* que se *atualiza* e que produz o Ser em suas paradas no fluxo. O devir é o contrário do que se pensa estar capturado. Não é ser devir, mas estar em devir, logo, não há pessoas em particular que estão fora do devir. Tudo é movimento e aqui não há linearidade. Há o devir-paisagem, devir-bicho, devir-desenhista... O devir é sempre um devir-outro. É um “vir a ser” da potência, a partir de eternos processos de desterritorialização e territorialização, dissolução e formação, destruição e criação. Devir não tem finalidade; não vai a lugar nenhum, apenas segue os fluxos dos *desejos*. Não há imitações ou metáforas no devir, apenas o real. Não é “como se fosse” paisagem, bicho, desenhista, é devir-paisagem, -bicho, -desenhista...

De maneira distinta de outras “filosofias do processo”, a dupla captura no devir é no sentido de que não se abandona o que se é para se tornar aquilo que se devém, sem que o local alcançado também não se transforme. Não se parte de ponto x para ponto y sem que ambos virem x' e y'. Os processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização quebram com uma noção temporal de caminhar a uma direção e de finalidade. Não é um caminhar em direção ao passado ou futuro; para frente nem para trás.

Em uma relação psicoterapêutica, há pelo menos dois termos atuais: psicólogo e analisante. Há um devir-analisante no psicólogo e um devir-psicólogo no analisante. Pode haver nesta relação um porvir (por exemplo, um processo de alta e coisas que se esperam de tóde psicólogo) que já está dado muito bem delimitadamente. Mas o devir na relação é mais sutil do que aquilo que se pode definir e que ao mesmo tempo provoca mudanças intensivas, “moleculares”, um em outro, sem que cada qual saia do seu “papel”. Os devires são essas virtualidades que “tencionam” o que se passam aqui e agora, com nós mesmas, mas a partir de relações concretas. Relações terapêuticas, de trabalho, amorosas, de amizade, de vizinhança, de grupo, de

segmentos da sociedade, de classe, de raça, de gênero.

Na Psicologia da Diferença, buscamos desenvolver uma sensibilidade para essas “sutilezas” que fazem toda a Diferença, que são a micropolítica do processo de diferenciação de si mesmo. É preciso cuidar dos devires, não os abafar, experimentá-los com prudência, pois a partir deles é que alguma criação é possível – o que inclui a criação de modos de vida.

Sem título. Acrílica sobre tecido de algodão. 70x50cm - Tally Warszawski



Diário de Bordo

É compreendido como um instrumento de registro de produções, fluxos, afetos e outros processos. Que pode ser organizado de diferentes formas, como por data, períodos, sessões, encontros e intervenções com o objetivo de construir um documento e um registro que acompanha a sequência de eventos e assim poder lançar compreensão, análise e outras possibilidades. É utilizado em contextos clínicos, em produções *cartográficas*, artísticas e que busca rastrear e acompanhar processos. É também uma fonte de informações para trabalhos científicos.

O diário produz efeitos na sua própria confecção, mas também no compartilhamento, na releitura. No ato mesmo de escrevê-lo, há efeitos de registro, mudança na *percepção*; quando compartilhado com o grupo de pesquisa, de supervisão, com as pessoas com quem se pesquisa, sistematizado em um trabalho acadêmico, torna coletiva a experiência e permite novas produções a partir do que foi compartilhado.

Em contexto *clínico*, pode haver diários separados para cada atendimento individual; diário em relação a um projeto específico; um diário “pessoal”, do sujeito que é ora psicóloga, ora encarna outros *tipos psicossociais* (pesquisadora, cônjuge, filho) mas exerce uma singularidade; um diário em relação a uma organização, uma unidade, um serviço específico. O diário tem uma potência própria, alimentada pela potência de quem o escreve, mas que ultrapassa quem escreve. Essa potência pode servir à contribuição ao desenvolvimento e diferenciação do próprio campo em que se insere aquele que escreve.

No exemplo a seguir, o psicólogo descreve em seu diário suas impressões, informações da sessão e, ao final, como foi afetado ao escrever:

Agora são 12h, a cliente acaba de sair, me percebo insatisfeito com o resultado. Talvez eu esteja escrevendo agora por isso. Ela verbaliza que se deu conta de algo que me parecia óbvio que já soubesse sobre si mesma, mas não sabia. Me angustia eu não ter notado isso.

Hoje o ponto central foi levar os desejos a sério, afinal, na perspectiva dela, todo prazer tem sido vivenciado com culpa. Me parece um corpo estrangulado por uma moral até o limite da rebelião. Conduzir essa sessão me pareceu pôr frente a frente dois entes, chamados dever e querer, o dever é impositivo e autoritário, não abre concessões, o querer se cala e espera pelo momento de exaustão e vulnerabilidade para silenciosamente acessar tudo que é considerado proibido. Ao final, ela se angustia e perpetua a luta entre duas forças que são colocadas em polos opostos. Ela decidiu descansar hoje e experimentar o desejo como parte dos deveres diários. Enquanto escrevo esse texto, acabo de aceitar esse sentimento de insatisfação como parte do meu processo.



Sem título. Acrílica sobre tecido de algodão. 70x50cm
Tally Warszawski

Diferença

A Diferença foi frequentemente maltratada, maldita, estigmatizada, colocada de fora da razão na história predominante do pensamento filosófico. Isto que se designa como Filosofia da Diferença a valoriza, a ponto de conferir-lhe uma espécie de estatuto ontológico: aqui, a Diferença é a condição de existência da *vida*, no sentido de que a Natureza (“tudo que existe”) se constitui se diferenciando. A Diferença é, assim, o princípio constitutivo da Natureza, isto é, esta força compositora e propulsora no processo da singularidade em cada ser.

A primeira crítica a ser feita em favor da Diferença é a crítica à *representação*. Ao operar com a identidade, a oposição, a semelhança e a analogia (metáfora), a representação acaba por trair a diferença, pois dá ilusão de que ela desaparece. O pensamento precisa ir mais longe do que as ilusões da representação para que consideremos a Diferença e, com isso, a própria criação. É necessário sair das dimensões cognitivistas, fenomenológicas e ontológicas dos estudos acerca da criação, para pensar o que é o criar enquanto acontecimento produtor de Diferença.

A potencialidade que o pensamento da Diferença traz para a Psicologia é precisamente o da criação; o de um posicionamento ético, político e “epistemológico” inclinado à criação que acaba por ter efeitos nos modos de vida. Isto passa por lidar com a presença geradora da matilha no animal, do plural no singular. O ethos ou *território* da Psicologia da Diferença passa por produzir um olhar e atuação terapêutica que se contrapõe a análise e programação a partir dos traços de semelhanças que criam nichos estruturais de adequação [representação] dos sujeitos, do pensamento, do espaço e do tempo.

Este posicionamento ético busca produzir a *cartografia* em movimento e do movimento, vislumbrando os processos de produções *singulares*, os fluxos que rompem, agrupam, criam e recriam a partir de cada situação concreta em que nos encontramos. Ela busca apreciar e compreender justamente aquilo que é singular, a valorização do que é único, mas de forma múltipla e *real*. Há

uma multiplicidade de produções singulares atravessadas e compostas pelo externo, não tão externo já que o sujeito em questão também o compõe.

Série postais - cerrado em mim nº02. Aquarela sobre papel algodão 300gr. Tamanho 23x12cm - Carla Freitas



Drama

De um lado, o drama é uma *Diferença* em vias de atualização, mas em disputa ou concorrência com outras Diferenças. Pode ser uma angústia não nomeada, mas também uma apraxia, uma desorganização, um apego. O que é dramático é essa perturbação nos processos, em que pese haver diferentes devires em jogo tencionando as coisas, estados de coisas e *corpos*. Pode ser algo extremamente “particular”, como uma timidez, um término, uma atração. Mas também as grandes questões sociais: o capitalismo, o fim-do-mundo, o patriarcado, a colonialidade, todos estes processos societários, isso é, que são co-extensivos a todo o campo social e se atualizam e espacializam nas vidas de cada pessoa e em cada *território*. Dramaticamente.

O que nos chega na clínica senão os dramas? Diremos ainda que tanto mais *intensa*, mais dramática uma situação. Mas se distingue de uma crise no sentido de que não há necessariamente um apego a formas que não dispõem de mais forças preponderantes para sustentá-las. O drama remete à ação, enquanto uma ação perturbada, acossada, hesitante, angustiada, mas uma ação que atualiza diferenças/intensidades de diversos tipos a *cartografar*, entre as quais os *afetos*. Se diante de uma analisante, perguntamo-nos qual drama temos diante de nós, essa pergunta remete também a que intensidades estão concorrendo, se anulando; o que está sendo impedido, repetido, esboçado... É uma pergunta cartográfica e moduladora de nossa atuação.

Neste sentido, na clínica, falar é já dramatizar, pois é dar passagem a intensidades que pedem passagem; torna extenso [palavras organizadas, materialidade do som] algo intensivo/diferencial. As técnicas [modelos de ação] de dramatização têm este sentido, de fazer passar do intenso ao extenso, do *virtual* ao *atual* o que esteja latente, *inconsciente*, ignorado, não-dito. Mas há na conduta do *desenhador*, cartógrafo ou psicólogo sempre uma responsabilidade sobre quais intensidades atualiza no encontro com esses dramas, pois há sempre uma *implicação* inclusive em relação às técnicas de que lança mão.

Detalhe de painel / Sem título. Acrílica sobre tecido de algodão - Tally Warszawski



Encontro

O encontro que nos interessa é o *encontro* que produz afetos. Em seu conceito, o encontro está relacionado com as origens e a natureza dos afetos, pois é base das paixões no sentido de que não há paixão sem encontro e suas *afecções*. É por necessitar encontrar que há paixões. E são as paixões que nos roubam nossa capacidade de agir de acordo com nossa própria natureza. Submetidos às paixões, sejam alegres ou tristes, sejam potencializadoras ou despotencializadoras, já não somos livres.

Somos a todo tempo efeitos de encontros, bons e maus, que geram afetos de alegria e tristeza, composição e decomposição, sem que haja negatividade no segundo termo. Faz parte da natureza do corpo a composição e a decomposição. *Corpos* se encontram para compor e decompor.

Encontro é o contato entre corpos de qualquer tipo, humanos e não humanos, em um determinado tempo e espaço. Não necessariamente o contato físico, próximo, “à flor da pele”, mas um contato que gera efeitos entre os corpos. Encontrar é bem estar em relação com a *alteridade*, a *diferença*.

Série postais - cerrado em mim nº 03. Aquarela sobre papel algodão 300gr. Tamanho 23x12cm - Carla Freitas



Experimentação

A experimentação é uma ação de *desejo* que busca uma nova conexão, uma nova ligação, uma nova vivência e, mais ainda, uma nova significação. Considerando a *singularidade* de cada *encontro*, a experimentação é uma consequência da abertura para outras possibilidades, *percepções* além daquela com que iniciamos o encontro. Lidar com algo novo é necessariamente experimentar.

Este sentido de experimentação não se confunde com a interpretação, no sentido de devolver uma verdade sobre o sujeito, que irá de uma maneira ou de outra alinhá-lo às ordens estabelecidas e à macropolítica vigente que cooriginou seu *drama*. Interpretar reitera as significações hegemônicas e está no domínio da *representação*, enquanto a experimentação está no lidar com os *devires* e *alteridades*.

Se não se confunde com interpretação, tampouco se confunde com experimento científico. Enquanto o experimento científico está subordinado a uma racionalidade que vem de outra tradição filosófica – nomeadamente, platônico-positivista –, pela Psicologia da Diferença a experimentação está vinculada com pensamentos de outras tradições e afirmam um híbrido entre ciência, artes, filosofia e campo social.

Experimentar é do domínio da vida cotidiana, das artes, da ciência, da filosofia e da *clínica* – não estando as experiências restritas a tal ou qual modelo de ciência. Na clínica, a experimentação é um meio e uma abertura para o novo, mas que sempre deve ter um traço de prudência, para que as potências na experiência não sejam maiores do que nosso *corpo* possa suportar, isto é, para que a experimentação não nos destrua. Deste modo, as experimentações são sempre acompanhadas de “doses” de prudência para dirimir os riscos sempre presentes ao lidar com a criação, com algo novo – já que, neste sentido, então, “viver é estar em perigo”.

Por exemplo, solicitar que alguém repita uma frase de outra maneira quando ela a disse de um modo que não expressa o que sente em relação ao enunciado e sempre sorri em todas as situações sociais (um *rosto* construído

para não contrariar). Repetir de maneira irônica, meiga, irada, triste, entusiasmada pode permitir que a pessoa experimente e se perceba em outra expressividade, de maneira mais congruente. Permitiria, adicionalmente, experimentar outro rosto.

Detalhe de pintura / Sem título. Acrílica sobre tecido de algodão - Tally Warszawski



Força

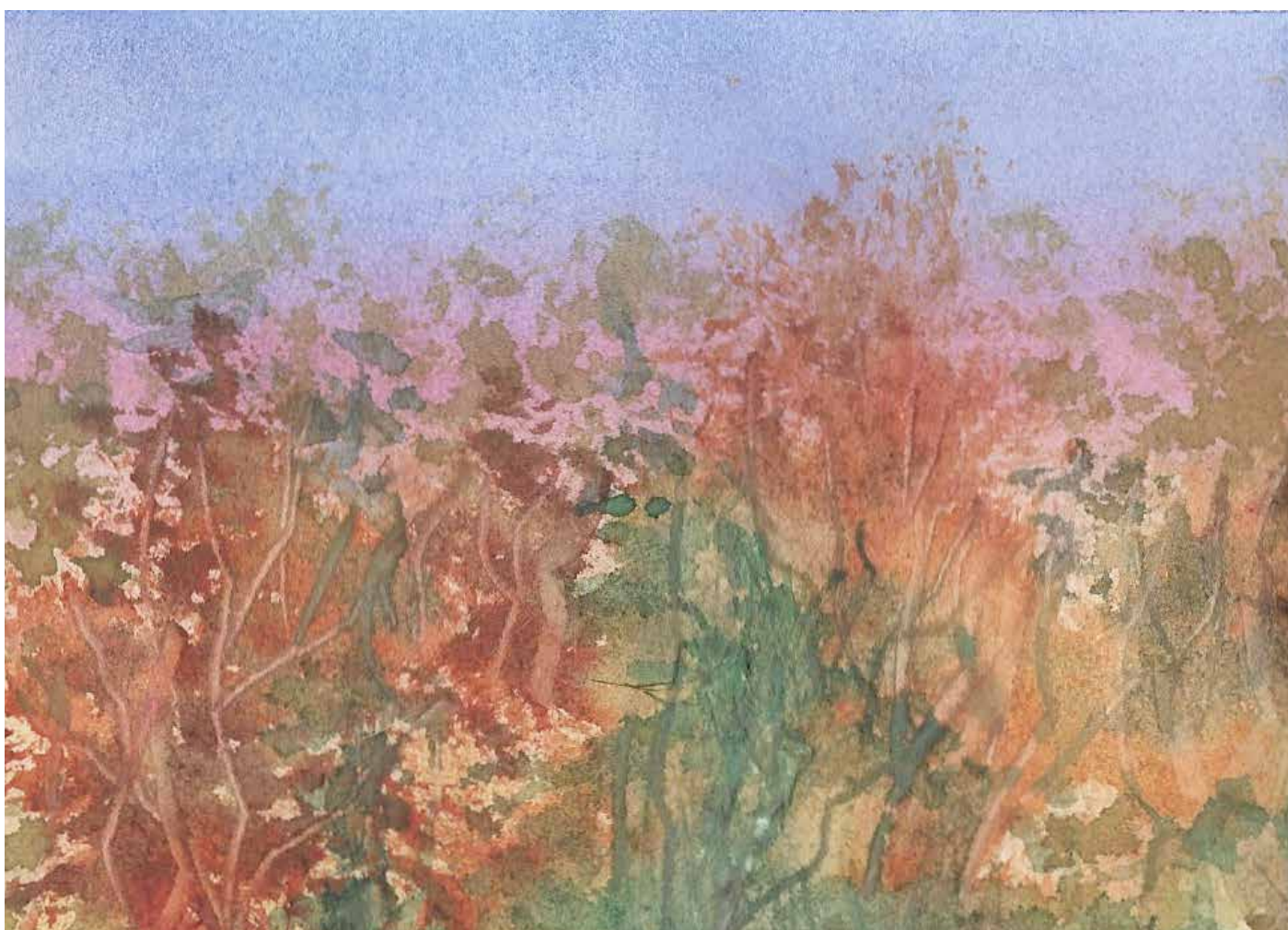
Uma força é relação com outras forças. Mais do que ter uma relação, ela é uma relação. Por isto, uma força não pode ser pensada ou entendida fora de uma relação com outra, sendo estas sempre dinâmicas e fugidias em um conjunto ou grupo. O conceito de força já solicita pensarmos em uma pluralidade de forças, um campo, um diagrama, pois elas nunca estão sozinhas. As forças são o que politicamente conferem sentido aos eventos histórico-geográficos e “pessoais”, na *clínica* e na vida cotidiana.

Um evento, uma situação, uma coisa, uma pessoa, uma forma terá tantos sentidos para nós quantas forem as forças que se ligam a ela. Portanto, distinguem-se da ação, pois a força não é o que age, mas *percebe* e *experimenta*. O que age é o *desejo*. O sentido do que se passa conosco é dado também pelas forças que, assim, se apoderam das coisas, *corpos* ou fenômenos. Podemos exemplificar com a relação entre psicólogo e pessoa atendida e as diferentes percepções que se abrem diante de um caso, de uma situação, de um problema vivido. Mas só a análise *singularizada*, isto é, de cada situação ou caso, é que pode dar a perceber as forças em jogo na relação terapêutica e além dela (institucional, social, histórico-geográfica, etc.).

A clínica é política também neste sentido: as teorias de que nos valem e as definições pelas quais interpretamos um caso ou evento, também são conjuntos de forças que não deixam de nos predispor à ação. A dimensão ético-política da nossa atuação envolve analisarmo-nos constantemente no que concerne às forças a que estamos nos aliando quando estamos diante do outro e de nós mesmas.

Na literatura deleuziana, ligada sobretudo a Nietzsche e Foucault, força é às vezes sinônimo de *intensidade* e mesmo de *Diferença*; as relações de força compõem as relações de poder e dispositivo.

Detalhe - Série postais - cerrado em mim nº 04. Aquarela sobre papel algodão 300gr. Tamanho 23x12cm - Carla Freitas



Gosto

Na vida cotidiana, como no ato de criação, temos preferências, seleções, exclusões. Um Gosto, com G maiúsculo, parte daí e está próximo do conceito de *vida*, no sentido de uma posição a partir da qual interpelamos os eventos e *acontecimentos*. Mas em seu conceito, o Gosto está mais relacionado com uma faculdade de modulação do ato de criação do que com uma simples rejeição ou preferência, ou com uma distinção no sentido.

É dizer que o Gosto é uma espécie de saber animal, uma sabedoria bestial, porque vem mais do nosso *corpo* do que da consciência antropomórfica, por assim dizer. Trata-se de uma faculdade que adapta conjuntamente os elementos envolvidos numa criação, e esta coadaptação traz uma modulação que contraefetua as modulações do capital (ou do Dinheiro), de Deus (ou da transcendência colonial) e do Estado (ou da burocracia).

Nos processos de massificação, disciplina e axiomatização, tendemos a ter nosso Gosto capturado, impedido, enfraquecido. É necessário que um Gosto seja cultivado, e nisso contribuí precisamente o distanciamento intensivo destas instâncias que tendem a suprimi-lo.

Sem título. Acrílica sobre tela. 60x50cm - Tally Warszawski



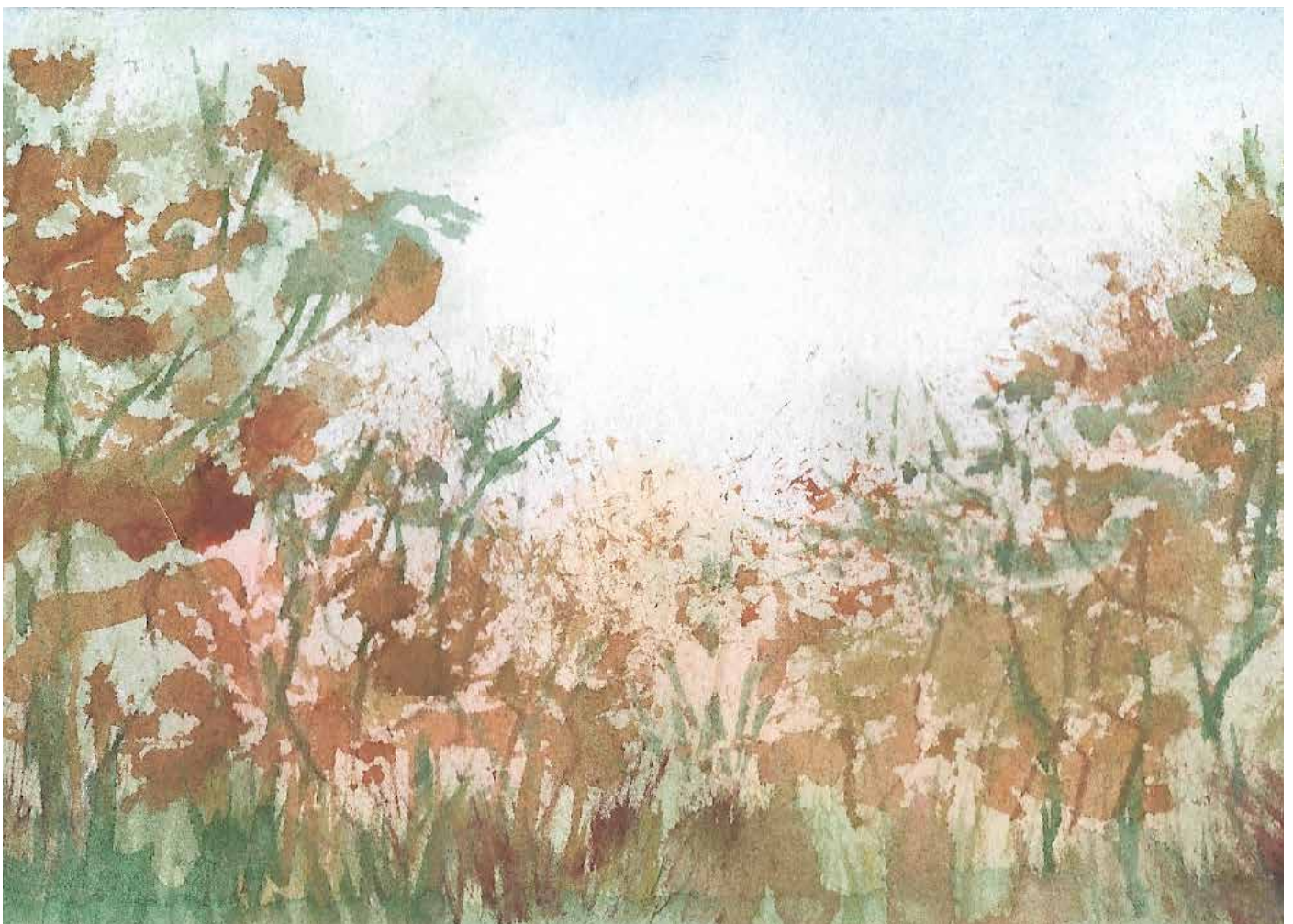
Implicação

Implicação é o conjunto de relações que condicionam uma ação, mas é sua análise que costuma gerar efeitos sobre a prática clínica. Analisar as implicações é um procedimento tão coletivo quanto possível, que dá a perceber as posições relacionais que condicionam nossa ação. Por exemplo, branquitude, gênero, escolha teórica, técnicas empregadas, atravessamentos da organização em que se encontram, pertença institucional, cultura e geografia; relação com o dinheiro, com as hierarquias, com os sentimentos. Tudo isso faz com que a conduta seja uma e não outra.

É um conceito próximo de transferência, mas também de vínculo, e por isso mesmo diferente de ambos, pois traz abertura para ampliação e mesmo politização das relações. Sua análise pode ter o aporte de um *diário de bordo*, das anotações; pode ser feita posteriormente a um atendimento, uma visita, uma intervenção, e também em intervisão, grupos de estudos, reuniões e *encontros*. A (análise de) implicação é, portanto, além de um conceito, um procedimento e um processo aberto. É no coletivo, no grupo e na organização concreta em que é realizado que algumas relações farão maior relevo. Em uma equipe multidisciplinar, a profissão certamente é uma implicação importante e aparece no contato entre profissões; em um caso de violência de gênero, certamente o gênero das partes tende a gerar mais efeitos do que a pertença institucional, mas só na análise concreta é que as relações aparecem.

A (análise de) implicação dá consequência à constatação de que não existe neutralidade, e em algumas propostas substitui a neutralidade como critério de objetividade. Implicação funciona ao mesmo tempo como localização (lugares ocupados performativa, histórica e espacialmente) e constituição, conquanto sejamos definidos menos pela substância que pelas relações que de modo imanente entretemos, sendo a maior parte delas *inconscientes*.

Detalhe - Travessia. Aquarela sobre papel algodão 300gr. Tamanho 23x12cm - Carla Freitas



Inconsciente

O inconsciente é majoritariamente cercado nos *territórios* de estudos da psicanálise. O inconsciente é compreendido em sua dimensão mítica, operado em mitos antropomórficos, gregos; alocados em representações abstratas e generificadas da *vida*, é oculto e misterioso; fala dos indivíduos, e fala mais ainda dos indivíduos sob as técnicas de uma análise (o setting, a associação livre, a transferência). Falamos aqui de outro inconsciente. Aquele que não surge necessariamente como técnica terapêutica, mas encontra resquícios na história da filosofia com Nietzsche, Leibniz ou Espinosa, ou em outras experimentações com o mundo que não as da burguesa europeia. Trata-se de compreender em que medida o inconsciente pode ser uma *experimentação* alegre, e não tanto inóspito, triste, bloqueado – não estruturado na falta, não reportado a uma lei, não desejoso de sua própria destruição. Falamos de um inconsciente que não se atém tanto às ideias imaginativas que são tomadas como verdade e recaem em relativismos tristes, mas da imanência de um *corpo* que produz *encontro* com outros corpos. São pontos de vista leibnizianos onde cada corpo produz sua compreensão da série infinita da vida. Há, em uma dimensão mais *real*, os movimentos de criação de vida nesses encontros e/ou os de bloqueio e de captura da potência do corpo. Essa sim que nos interessa. Cadeias, encontros, fluxos, pois as pessoas que chegam na clínica são modos dentre vários outros.

Quando afirmamos o inconsciente na *clínica*, não falamos de um advento clínico individual que é desvelado, esclarecido na clínica, mas da retomada das operações imanentes, das conexões *desejantes* (plano de consistência) que ocorrem para além do processo da tomada de consciência. É este o inconsciente, que, na nossa acepção, pode ser pensado na pergunta de Espinosa “O que pode um corpo?”: o encontro, o contato, a experimentação. Dessa forma, não pensamos o inconsciente em termos de sujeito, mas de vida e de movimento. Há uma produção de um corpo, de um movimento e de uma criação que é inconsciente, e nisso afirmamos mais do que o abstrato-metafórico individual do inconsciente psicanalítico. Apontamos algo além

das representações didáticas da consciência: é a amplitude da vida, da possibilidade de criação, da afirmação de potência de vida.

A afirmação do inconsciente na clínica é a afirmação, então, do que podem os corpos: quais modos de vida engendra, quais ideias adequadas produz, de quais paixões tristes e paixões alegres padece ou se potencializa. Afinal, o que pode um corpo?

Série Azulejos. Acrílica sobre azulejo. 20x20cm - Tally Warszawski



Intensidade

Um corpo pode se envolver em *forças* reativas, modos estagnados, acelerações de extração, desarranjo de ações. Tudo isso ocorre em detrimento da intensificação de processos mais favoráveis à vida, consistindo em achar as fugas, depurar afetos e torná-los vivos. Trata-se, então, na clínica, de *corpo-intensidade* ou corpos-intensidade, isto é, de lidar com dimensões intensivas (e, portanto, micropolíticas) dos corpos. Sobretudo quando há intensidade traída, amaldiçoada, presa, rechaçada, nomeada.

Com Espinosa, compreendemos que não é tanto sobre as formas, mas sobre os encontros e os movimentos. As intensidades estão “embutidas” nas formas e encontros, provocando os movimentos de interesse para a clínica. Mas também estão implicadas nas qualidades expressivas e estéticas de um corpo, fazendo dele *território*. Estão nas propriedades físicas da matéria, bem como nos *afetos* que sentimos e como condição de percebermos qualquer coisa.

Há distintos sistemas de intensidade por serem mapeados, cada qual com suas relações intensidade-extensão. Há intensidade que é sinônimo de força, de devir e mesmo de Diferença. Mas no que tange o corpo extenso na *clínica* (nosso e do analisante, bem como do contexto), é possível afirmar que não compreende a si como intensidade em abstração, mas em ato. Compreender é ato com essas intensidades.

Detalhe - Série postais - cerrado em mim nº05. Aquarela sobre papel algodão 300gr. Tamanho 23x12cm- Carla Freitas



Narratividade

Narratividade como forma de expressão é uma acepção que dá a perceber as *diferenças* entre as diversas formas de narrar. A maneira como se narra e as próprias narrativas são escolhas políticas e ao mesmo tempo posicionais. No *arranjo* e no *encontro* clínico, por exemplo, as narratividades exercem um papel importante de posicionamentos distintos: um mesmo evento ou história pode ser narrado de posições distintas (vítima e/ou agente), expressando o lugar em que nos posicionamos frente ao mundo e a nós mesmos, cuja expressão é também política.

A dimensão expressiva de um encontro próprio da clínica envolve uma política de narratividade. Pode haver neste encontro uma abertura comunicacional, no sentido de que as narrativas no encontro psicólogo-analisante não sejam nem somente verticais (de baixo para cima ou de cima para baixo) e nem somente horizontais (entre pares com equilíbrio de poder), mas com certa transversalidade. Pode haver a escolha por narratividades contra-hegemônicas, ou seja, uma narratividade que foge ao axioma pré-estabelecido pelo eixo horizontal de narrativas homogêneas.

Na Psicologia, há narrativas e narratividades que podem e devem ser problematizadas, alargadas, criticadas e até mesmo abolidas. No encontro concreto entre corpos e narratividades é que essas expressividades em jogo vão surtir efeito, mas entre os efeitos haverá quase sempre o de subjetivação.

Série Azulejos. Acrílica sobre azulejo. 20x20cm - Tally Warszawski



Percepção

Só percebemos algo pela sua *intensidade*. As intensidades são ao mesmo tempo percepção e condição de percepção, de modo que, dada uma situação percebida, há sempre intensidades sustentando tal percepção. Porém, não há nunca apenas uma intensidade em jogo, mas sempre um regime dinâmico. Uma coisa terá tantos sentidos quantas forem as intensidades que concorrem em sua *virtualidade*.

Um traço distintivo da percepção neste sentido é que ela está ao mesmo tempo fora e dentro dos sujeitos; ou melhor, a distinção fora-dentro não faz sentido ao falarmos de percepção. As intensidades não pertencem a um sujeito, mas a um *território*.

Por um lado, as percepções que temos aqui e agora vão nos remetendo a imagens do passado conservadas na memória, mas precisamos pensar a memória em suas duas dimensões (Bergson): a dimensão prática e a dimensão souvenir. A primeira concerne às coisas pragmáticas da vida cotidiana, da sobrevivência. E a memória souvenir – que corresponde à intensidade em Deleuze – ao invés de pensar objetivamente em uma coisa, é pensar no que ela provocou, as perturbações, os *afetos*, o território/agenciamento correlato. Ela é muito mais intensa, e é precisamente o que se perde na ciência positivista.

Na *clínica*, essa memória intensiva é que pode ser matéria de transformação. Que intensidades estão envolvidas em uma situação lembrada? Que afetos (que são intensidades) foram provocados naquilo que é lembrado e no ato de recordar?

Série Azulejos. Acrílica sobre azulejo. 20x20cm - Tally Warszawski



Real

Quando afirmamos o real no atendimento clínico da Psicologia, afirmamos um contato *intensivo* entre os *corpos* dispostos no plano social, nos *encontros* produzidos. Diferenciamo-nos do Real lacaniano, com R maiúsculo, que ganha seu estatuto a partir da categoria da falta (o inapreensível, o inominável, algo que está além do sujeito falante com o qual o autor, Lacan, se detém). No nosso caso, detemo-nos na potência e no movimento em sua concretude. Lacan mesmo irá dar indícios de que, dentro de suas leituras epistemológicas da falta, o real é algo que está além da imagem e da linguagem – é onde estas faltam. Ora, é algo do corpo que está no mundo e do mundo que toca o corpo. O mundo em si é um corpo – composto de corpos – como compreendemos com Espinosa. Do ponto de vista filosófico, o real de Lacan se aproxima da coisa (das Ding) kantiana: aquilo a que não se chega, não se pode alcançar. Na Psicologia da Diferença, a aproximação é com Espinosa, que cria uma noção de realidade que é totalmente englobada por uma substância [imanência].

É essa dimensão que nos afeta quando produzimos uma *clínica da Diferença*. Compreendemos com esses corpos uma distinção da ideia imaginativa de um corpo íntimo, isolado, individual, substancial. Compreendemos sua dimensão entre os encontros, sendo a imanência da substância de Espinosa a constatação de que a intensidade e o movimento é o que nos importa. Corpo a corpo, sendo esse corpo qualquer composto desse plano de imanência, há uma intensidade a ser experimentada. A diferença é produzida aqui. Diferença, intensidade. Não mais Real – nuclear, absoluto, categórico –, mas real – em movimento, vivencial, aberto. Não mais falta, mas possível. Podemos aproximar esse real da substância de Espinosa, natureza naturante. Há todo um *arranjo* e desarranjo de potências no real das coisas ou nos encontros dos corpos. Conhecer, assim, pelos *afetos*, pela intensidade produzida, pela produção nesse e desse próprio real.

Detalhe - Série postais - cerrado em mim nº06 Aquarela sobre papel algodão 300gr. Tamanho 23x12cm - Carla Freitas



Representação, Sistema de

O sistema de representação funciona pela lógica da “repetição”, que se distancia da lógica de “diferença”. Representação está para repetição e replicação, dentro de moldes e padrões pré-estabelecidos. *Diferença* está para criação, quebra de paradigmas, desterritorialização e reterritorialização. A lógica da representação replica uma estrutura de poder, que reprime o que pode vir a ser e se constituir fora dela.

A representação encontra ecos na lógica freudiana pautada na tradição platônica, seguida pela psicanálise. Nessa tradição, o próprio inconsciente é entendido como povoado por representações. Já na lógica da diferença, há a ativação da potência revolucionária do desejo, que se resume em pensamento criador. Como tal, não implica nenhum tipo de falta. Deleuze (1988), ao analisar a imagem do pensamento de Platão, Descartes e Kant, mostra como suas ordens conservadoras da representação limitam e prejudicam uma desordem criadora, um caos genial da diferença. Para libertá-la, ele defende e cria um “pensamento sem imagem”, pois a imagem tende a fixar o pensamento em seu movimento.

O pensamento, fora dos sistemas de representação, não é nem o atributo de um Sujeito nem a representação de uma totalidade. É rizoma, “um pensamento que não começa, nem acaba, mas se encontra sempre no meio, entre as coisas”. O rizoma é aliança, ao contrário da árvore, que é filiação. A árvore é vertical, o rizoma é horizontal. Árvore é fixa, imóvel, pois suas próprias raízes a ancoram e tem princípio e fim, cresce em um sentido, ao passo que o rizoma na sua horizontalidade cresce para todo lado e se reproduz desde o meio, não é fixo, é móvel e sem hierarquias.

Na *clínica*, essa questão pode se manifestar por meio da escolha de formas de *vida*. Podemos escolher viver de acordo com um sistema de representação já dado, mas essa vida será cheia de tédio, agenciada, uma rotina fixa. Certamente é uma vida segura e a segurança é dada pelas coisas que têm uma representação “clara e distinta”: hierarquias, oposições distintivas, papéis definidos, etc. Ao contrário, se escolhermos uma vida fora

do sistema de representação, portanto, rizomática, teremos uma vida mais aberta, com mais conexões e *devires*, o que trará mais riscos, mas também surpresas e engajamento criador.

Pinos nº01. Acrílica sobre papel canson. 29,7x42cm - Tally Warszawski



Rosto

Rosto é uma técnica de fixação das subjetividades em um modelo, em determinados modelos. Trata-se de um regime de signos para constituir identidades, normas, semelhanças. Um rosto está conforme ao poder e produzido por uma máquina de rostidade que busca anular todos os desvios da criação de um rosto que não esteja acorde ao rosto do Homem Branco, o rosto de Cristo, o rosto dos ocidentais e dos ocidentalizados.

Tal técnica, a rostificação, é composta por um “espaço” onde se inscrevem os signos e onde se aloja uma subjetividade estagnada, sendo o rosto uma redundância entre ambos. É um conjunto submetido à produção social de identidades cristalizadas, sem espaço para *singularidades*. A função dos *arranjos* que produzem o rosto consiste em enquadrar o sujeito a uma representação normativa e universal, neutralizando todos os traços de rebeldia. Em contraposição aos agenciamentos de poder que produzem uma política do rosto, há a necessidade política de linhas de fuga que desfaçam o rosto e sua redução do sujeito à mesmidade, entrando em devires que desfarão os traços de rostidade.

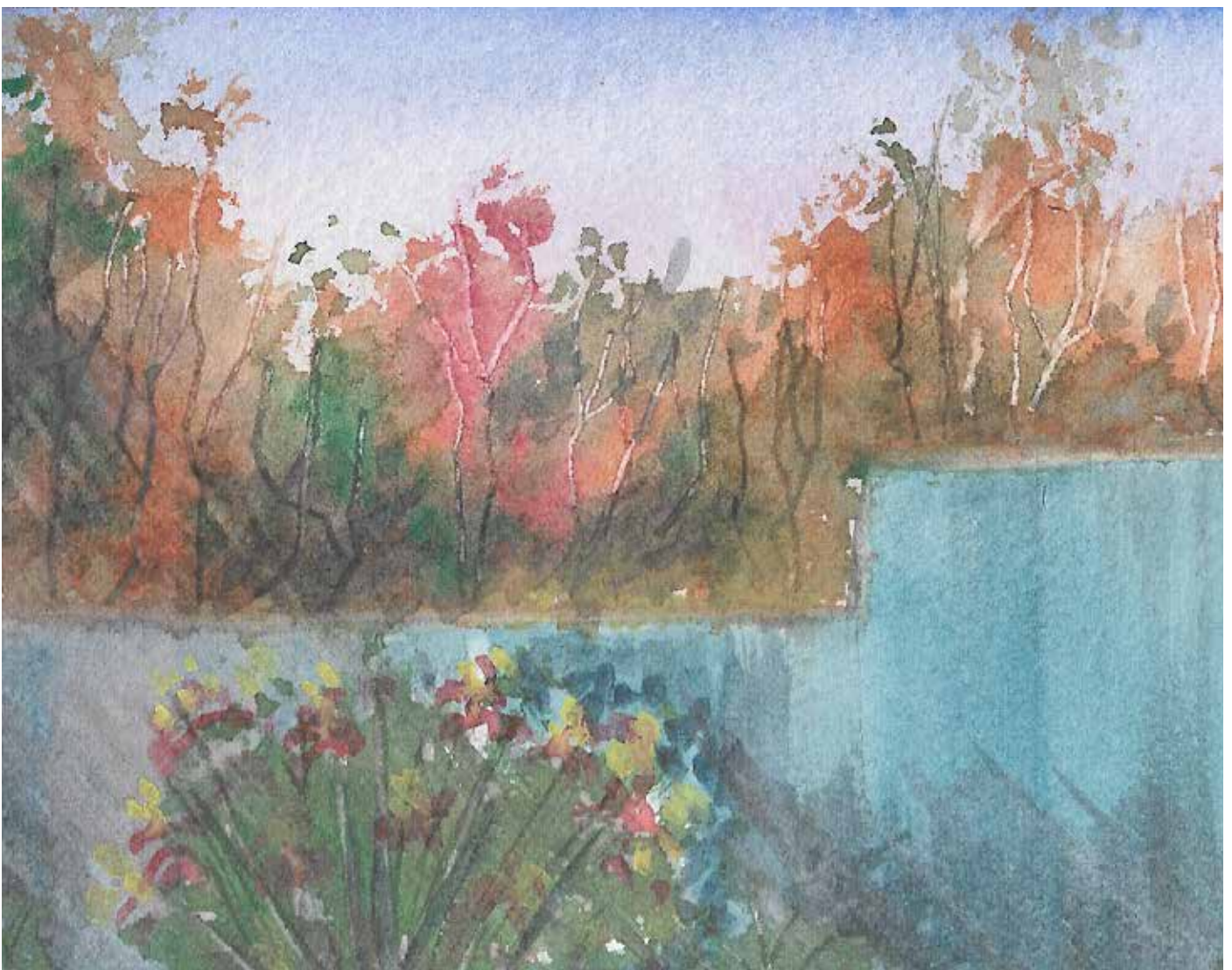
Desfazer os rostos é a tarefa da Psicologia da Diferença e para tanto são necessários todos os recursos da arte, que nunca é um fim, mas sim meio de traçar as linhas de vida, ou seja, desterritorializações positivas que nos levem sobretudo a regiões do a-significante, do a-subjetivo e do sem-rosto.

Se em Deleuze e Guattari, o rosto é o do Homem branco médio qualquer, os primeiros desvios são raciais, que devem ser rostificados, ou seja, tornados brancos e cristianizados, o máximo possível. Por isso, desfazer o rosto consiste em uma ética da alteridade. Dessa forma, pode-se pensar na clínica a recusa em atribuir uma interpretação sobre o sujeito que lhe aprisione em uma identidade fixa - ou qualquer interpretação, opondo a elas experimentação, fazer produzir... Ao contrário da interpretação, é preciso aos sujeitos abertura para os devires, para a multiplicidade, para o atravessamento dos fluxos.

O processo de desfazer o rosto não consiste em algo brusco e total;

a proposta é aderir provisoriamente a uma representação, experimentar o que estiver disponível na busca por intensidades, traçar linhas de fuga e possibilitar o fluxo para outros estratos, em um movimento perpétuo de mudança característico de uma vida livre. Assim, é possível ocorrer a liberação dos traços de rostidade, não retornar a uma cabeça primitiva, mas liberar “cabeças pesquisadoras” (dispositivos rastreadores) operando desterritorializações em fugas criadoras.

Detalhe - Além muro. Aquarela sobre papel algodão 300gr. Tamanho 12,5x18cm - Carla Freitas



Singularidade

Singular é algo que é distinto dos outros, algo absolutamente único. A singularidade está, pois, em oposição ou à diferença da identidade, dos estratos sociais, dos processos de homogeneização e também dos *tipos psicossociais* que animamos. Assim, singularidade é precisamente o que não é passível de ser organizada em categorias; é a negação da generalidade.

Só podemos perceber algo como único, singular, se percebemos suas *diferenças*, mesmo que mínimas. Assim, não há um sujeito que seja absolutamente igual a outro, não há *encontro* que seja igual ao outro: mesmo uma série de algarismos idênticos terá diferenças entre eles, por exemplo, na série “111111” cada algarismo está em uma posição singular em relação aos demais; cada folha numa árvore terá suas diferenças, apesar de chamarmos todas de “folha”, homogeneizando-as – como colocado por Nietzsche. Neste sentido, singularidade é o que a Psicologia da Diferença pretende alcançar e acolher no seu movimento de descarte dos *arranjos* e normas transcendentais, ainda que este descarte seja temporário, para dar lugar a outros.

Deste modo, singularidade não se confunde com identidade, personalidade, individualidade. Um grupo pode ser uma singularidade, bem como um *evento/acontecimento*. Trata-se de uma maneira de individuação que integra a multiplicidade, isto é, um movimento de individuação dado pelas Diferenças.

Sem título. Acrílica sobre tecido de algodão. 70x50cm - Tally Warszawski



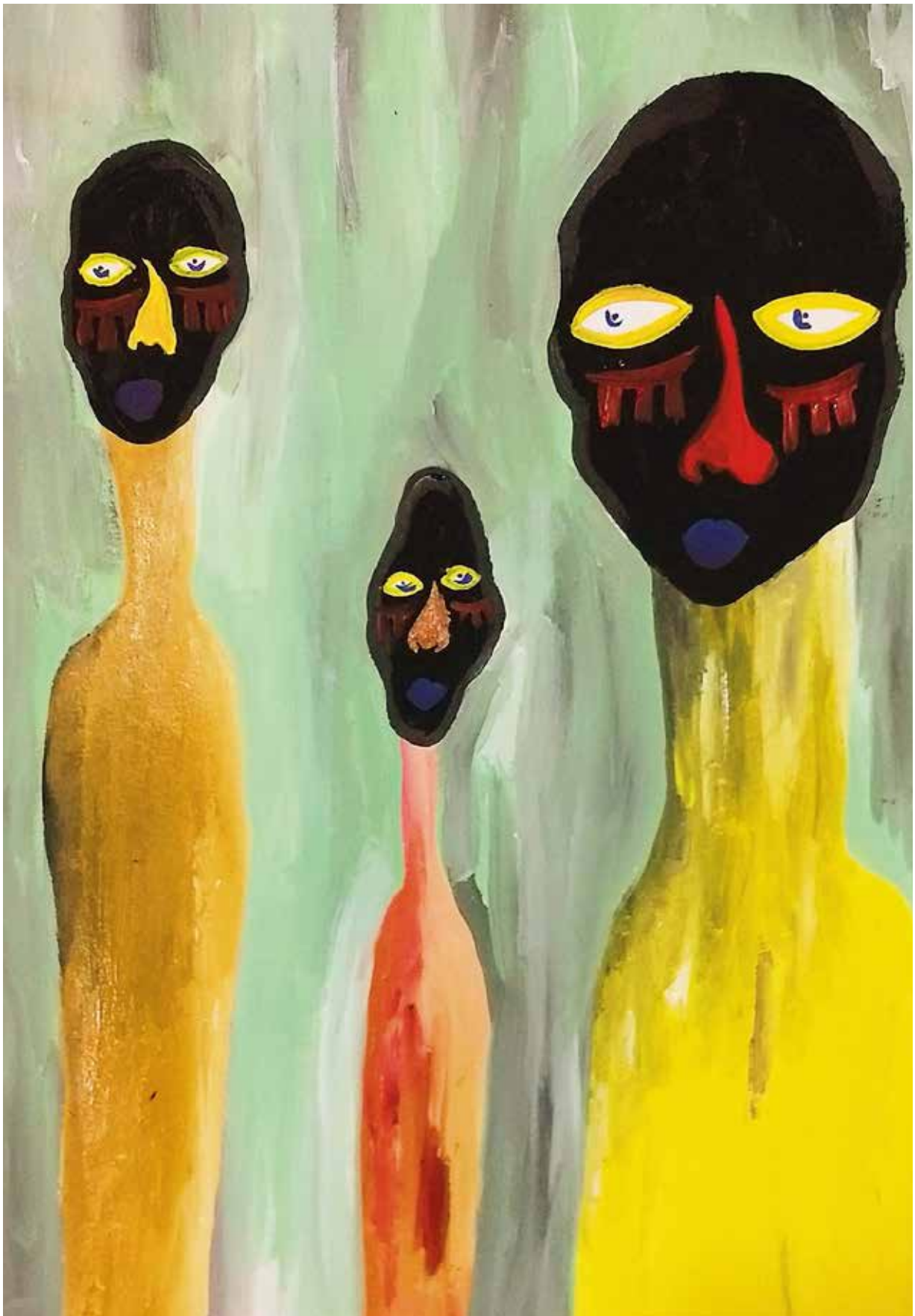
Sofrimento

O que consideramos como sofrimento é um processo em que os *afetos* predominantes são de tristeza, que se referem à diminuição da potência de agir ou força de existir. O sofrimento vem do reiterado afastamento em relação àquilo que podemos, quando os *encontros* e *afecções* no *corpo* e na mente são continuamente decompositores em relação à natureza, conhecida precisamente pelo ato de composição e decomposição. Há sofrimento quando os arranjos em que vivemos nos expõem para longe da nossa própria natureza, é a diminuição do Conatus, um corpo organizado, mas que vive para outrem fora do seu próprio território.

Na Psicologia da Diferença, diante do sofrimento, a atitude é de intensificação: por um lado, a de vivência do próprio sofrimento e, por outro lado, a ampliação de experiências que afirmam a *vida*. Em processos de adoecimento, percebemos em muitos casos um movimento de pensar sem agir e de buscar subterfúgios para diminuição da *intensidade* do sofrimento, o que acaba prolongando-o, pois tentar não-sofrer acaba ocupando um tempo que poderia ser usado para bons encontros. Assim, intensificar, aqui, significa falar diretamente com, produzir *narrativas*, colocar em ação as *forças* envolvidas no sofrer - “gastar” o sofrimento até o fechamento. De outra sorte, tentamos explorar o que emerge como potência da vida ou o que é a afirmação da vida, de maneira a ampliar o contato com afecções alegres.

Por exemplo, alguém que passa o dia deitada pensando sobre aquilo que provoca sofrimento percebe que sofre um pouco menos se adere ao movimento. Mas, ao contrário de entrar no movimento, perpetua esse processo de evitar. Isto a impede de fechar o *acontecimento* e seguir adiante.

Pinos nº02. Acrílica sobre papel canson. 29,7x42cm - Tally Warszawski



Território

O território é um conjunto articulado de modo de *vida*, conjunto de significações, repertórios, vocabulário, tudo isso constituindo os meios e os ritmos, conferindo-lhes expressividade. É uma questão de *desejo*, de agenciamento, de disposição dos meios e ordenação de ritmos (de falar, de trabalhar, de caminhar, de organizar a rotina, de dispor os objetos).

Essa noção é mais facilmente apreensível quando associada ao sentimento de pertença, um “em-casa”, pois é deste lugar que geralmente nos é permitido desejar e *arranjar* os meios e ritmos. Daí que um desastre, um término, uma mudança de residência, uma opressão familiar, uma violência conjugal são processos *dramáticos* e de *crise*, extremamente perturbadores. Porém, muito ao contrário da noção patrimonialista patriarcal, o em-casa que é o território não se reduz a um espaço e ao exercício de poder dispor dos objetos, mas consiste também em um composto de expressividade sempre provisória e fugidia, porque aberta à *alteridade*.

Neste sentido, o território é criação e transformação; é bem o ato de desejo e afirmação de vida. É o resultado de uma territorialização, ao mesmo tempo conectiva e expressiva. Interessará, portanto, o que está se conectando e o que pode se conectar para surtir tal ou qual efeito; e o que deixa de ser (apenas) funcional e direcional para ser dimensional e expressivo.

Em certo sentido, podemos dizer “Eu sou o território e o território sou eu”. Porque nos tornamos indivíduos também pelo território, mais que pela anatomia do *corpo*. Assim, um nome próprio não é a marca de um sujeito fechado, mas de uma morada, um habitat, um *ethos* sempre aberto. Há uma semiótica do sujeito que remete a um território: uma atmosfera afetiva, as tatuagens, a fala, a postura corporal, os gestos, as vestimentas, mas que não devem ser reduzidas a uma semiologia psicopatológica.

Isto porque um território não pré-existe, ele está sempre em movimento pelos *encontros*, o *inconsciente*, os arranjos, os *devires*. Considerar que ele não preexiste, e que mesmo o que retorna aos ritmos (como o ritornelo da música) o faz diferentemente, nos coloca mais sensíveis às grandes e

pequenas *diferenças* em jogo. Adicionalmente, podemos considerar que o que mais interessa em um território de uma analisante é como sair dele (desterritorializar). Como criar novas conexões, novas ligas do desejo, novas expressividades? Neste sentido, consideramos um território pelas suas saídas, feito um rio cujo trajeto e dimensão não preexistem e ele escava o próprio leito. Eis o sentido de uma linha de fuga, que no desenho define as demais linhas.

Por fim, um desafio que se nos coloca é considerar não apenas o território delimitado de um sujeito, mas também de coletividades, da cidade, e do próprio planeta como nossa morada. Na Psicologia Clássica – por ser frequentemente delegada à dimensão individual e intrapsíquica –, como no contemporâneo, um dos grandes *dramas* é precisamente a perda de nossos territórios na massificação da cultura, na colonização do inconsciente, na destruição do planeta. É preciso criar novos territórios (reterritorializar), partindo do que se nos apresenta aqui-agora. Território é também utopia e heterotopia.

Território. Aquarela sobre papel algodão 300gr. Tamanho 31x23cm - Carla Freitas



Tipo Psicossocial

Os tipos psicossociais são aqueles que usamos para nos categorizar e identificar socialmente: mulher e homem, psicólogo, presidente, pai, avô, patrão, empregado, proprietário, esposa, estudante, docente, empresário, dono, senhorio... a lista é infinita. Cada indivíduo pode conjugar em si inúmeros tipos psicossociais, que são também terceiras pessoas que agem e/ou se *arranjam* pelo nosso *corpo*. Por exemplo, se após o encontro com uma analisante realizamos anotações em seu prontuário [arquivo], é uma psicóloga (terceira pessoa) que escreve pela nossa mão; se oriento meu filho, é uma mãe que fala pela minha boca.

Para cada tipo psicossocial, há incontáveis papéis, funções e relações que “se esperam” dele. Eles têm estrutura e função no campo social que são uma dimensão importante da sua *implicação*, isto é, da implicação de quem “encarna” esses tipos. Por estarem assim diretamente relacionados com o campo social, os tipos psicossociais indicam sempre a formação de um *território*. Lembremos, por exemplo, que a figura do adolescente não existia até alguns séculos atrás e que o preto, o branco e o índio são produções da modernidade colonizadora. Os tipos psicossociais são históricos, sujeitos históricos, por assim dizer; pertencem à história.

Nos momentos mais ordinários ou extraordinários, nas circunstâncias mais silenciosas ou ruidosas, no contexto mais insignificante ou mais importante, eles tornam perceptíveis os movimentos de territorialização e desterritorialização, e ao mesmo tempo as formações histórico-geográficas. Que mudanças psicossociais estão envolvidas ou indicadas em alguém que deixa de ser nativo e passa a ser tratado e se portar como migrante, refugiado? E quem passa a encarnar o tipo criminoso? Que processos estão implicados em alguém que passa a se reconhecer como bipolar, esposa, empreendedor? Cada tipo psicossocial tem forma, conteúdo, estrutura, função, relação, por serem mapeadas como *atualidades*, mas também regimes de *afecção* que lhe são próprios, isto é, comumente experienciados por aqueles que encarnam determinado tipo.

Os tipos psicossociais estão relacionados àquilo que somos, precisamente com o Ser, a História, o atual estado de coisas ou corpos, à identidade; relacionados à dimensão finita, pronta e acabada da existência. São aquilo com que nos identificamos, representamos. Por isso é relevante considerá-los, porque dão a perceber a macropolítica a partir da qual podemos *devir*, isto é, diferenciarmo-nos.

A própria Psicologia da Diferença tem seus tipos psicossociais, na medida em que vai constituindo um campo. A começar pelos analisantes, como também as figuras do *cartógrafo* e *desenhador*, que estão mais para o devir-cartógrafo e devir-desenhador, mas que ainda assim se conjugam com os tipos psicossociais em cada momento e gesto que busca entrar nestes devires.

Campo Limpo. Aquarela sobre papel algodão 300gr. Tamanho 31x23cm - Carla Freitas



Vida

Entendemos Vida como uma potência que busca se desimpedir, que tende a se perseverar (Espinosa) ou se expandir (Nietzsche). Por ser *força* que se expande, por estar fora de julgamento, independente das tentativas de bloqueio a que é submetida, a Vida pode se designar como um lugar, um ponto de vista a partir do qual interpelamos os saberes. Assim, não perguntamos se um saber é verdadeiro, mas a que tipo de vida ele leva se nos colocamos sob sua determinação. O saber ético é aquele que permite a expansão, a proliferação, a intensificação da vida, e não qualquer saber que a impeça de seguir seu rumo. Na medida em que persevera (Espinosa), a Vida não é objeto de julgamento, nem de construção de uma moral, mas potência que se torna uma bússola ética para nossas ações.

Como manejar essa ideia de Vida na clínica? Deixar reverberar a força da Vida, não deixar se enganar por julgamentos morais, deixar transparecer a conexão entre uma Vida que se fragilizou, que se deixou bloquear e os interesses de colonização do capitalismo sobre nossos *corpos* e mentes. Os saberes e axiomatizações que colonizam nossas vidas não apenas se projetam sobre elas, mas encontram pontos de imanência e isto é a fonte de sua eficácia. Os grandes dramas societários se atualizam na vida e contra a vida de todes, mas cada qual encontra teorizações, agremiações, movimentos a que se aliançar e que podem trazer consistência para uma prática crítica destes bloqueios, capturas e violências. Teorias feministas, teorias críticas, literatura negra, movimentos ecológicos, pensamentos descolonizadores, latino-americanos, palestinos... a lista é sem fim. O primeiro passo contra a captura colonial talvez seja, portanto, buscar alianças.

A Psicologia da Diferença *deseja* a intensificação da vida.

Território em formação. Aquarela sobre papel algodão 300gr. Tamanho 31x23cm - Carla Freitas



Virtual-Atual

O Atual, em seu conceito, parte daquilo que é a definição comum: é atual algo que ocorre agora, no presente momento. Mas tudo o que ocorre agora tem como que uma “outra metade” que é o motivo de ter ocorrido da maneira que ocorreu: o virtual. Virtual e atual são como que duas faces da mesma moeda, como que dois planos sobrepostos. E pensando de uma maneira universal, tudo o que ocorre é uma passagem do virtual ao atual, isto é, uma atualização: desde continuar lendo um texto até um encontro clínico ou um grande evento histórico. Mas cada uma, atualidade e virtualidade, tem realidades distintas.

O Atual é a realidade dos eventos, os quais têm a ver com o tempo cronológico e o espaço físico-geográfico. Atualidade – sinônimo de contemporaneidade – tem a ver com o tempo e espaço como se conformam aqui e agora. É finito, regido por suas leis, pela dialética, o plano dos seres e das formas. O Virtual é a realidade dos *acontecimentos*, povoado por *devires*, *hecceidades*, *intensidades* e distâncias que não são as do tempo e do espaço regulares. Virtual e atual compõem o real. Acontecimento e evento, devir e ser, intensão e extensão, tudo isso é real, mas cada qual com sua dinâmica própria.

Considerar o virtual é ter diante de si infinitas possibilidades. Pois, por um lado, a realidade atual, ou seja, o contemporâneo, já tem possibilidades e complexidades que escapam a qualquer inteligência individual ou coletiva. São incomensuráveis as possibilidades do mundo atual, e podemos dizer até mesmo que são infinitas, considerando as prospecções e riscos/probabilidades de que se ocupa boa parte da ciência. Mas o infinito do mundo atual, somando-se os possíveis científicos, é, por outro lado, um infinito menor do que o virtual, de que se ocuparão as artes, a filosofia, o pensamento livre e a própria Psicologia da Diferença.



Anexo

Oficina-experimentação da pesquisa

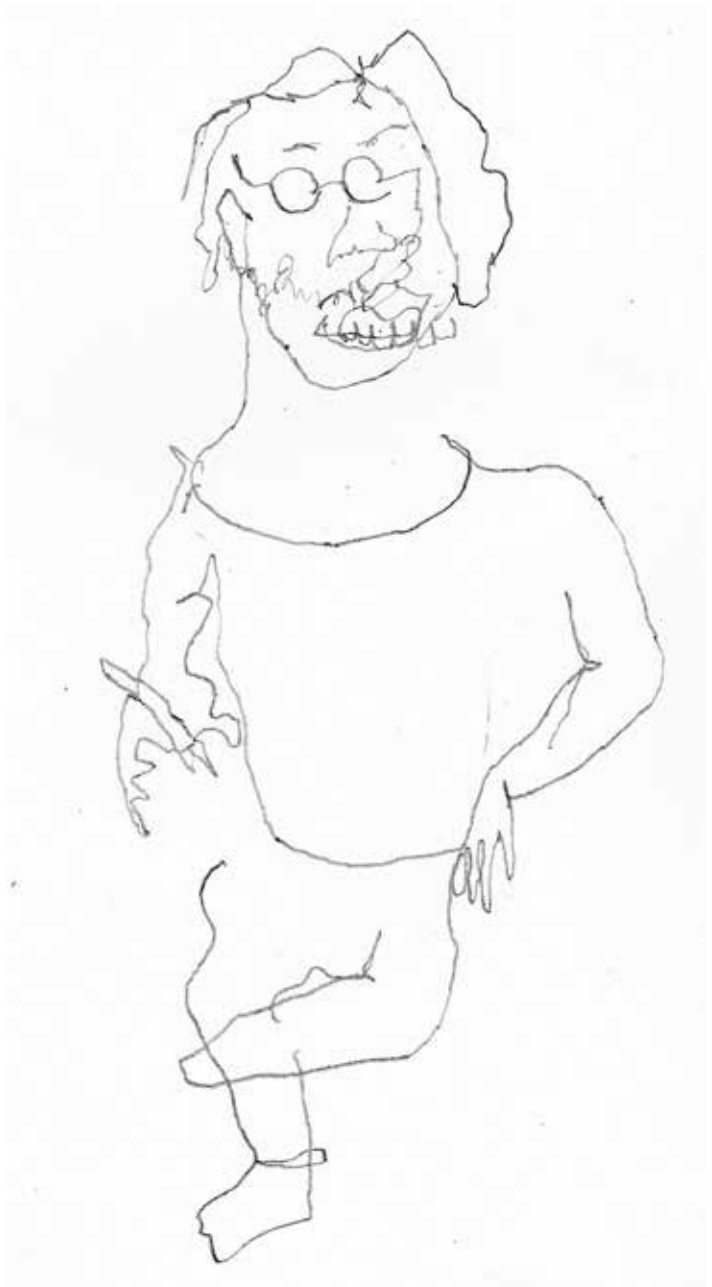
As experiências de desenho realizadas pelo grupo de pesquisa Outras Palavras visam uma reconquista do tempo, buscando novas maneiras de habitá-lo. Emancipação. A experimentação singular de cada participante buscou explorar o desenho como um ato do *corpo* inteiro e que, portanto, permite transitar para um processo insurgente.

A oficina permitiu-nos uma aproximação das ideias de Deleuze e Guattari sobre agenciamentos e *devires*. Utilizamos o *método cartográfico* para registrar os processos de *experimentação* realizados. Pretendeu-se delinear o ato de desenhar como expressão estética, ética e política de insurgência do pensamento criador que constitui uma subjetividade emancipada. E a tese que se pretendeu desenvolver daí é a de que se apropriar do *desenho* como experiência corporal possibilita ampliar a *intensidade* de *percepção* das formas concretas do mundo, ou seja, ver o mundo de corpo inteiro, eliminando a oposição entre o dentro e o Fora.

A tarefa na oficina era simples: levar linhas para passear em um papel, se comunicando com um corpo objeto qualquer do interesse de cada um. O pequeno experimento foi realizado por todos, alguns se sentiram mais desconfortáveis neste enfrentamento, outros se divertiram e se permitiram explorar com mais liberdade. Aqueles que se permitiram maior liberdade assumiram uma relação de maior intimidade e proximidade com o corpo objeto, enquanto aqueles que não conseguiram estavam numa espécie de luta interna com a realidade física daquele corpo objeto.

A ação deveria ser a de conduzir, em uma superfície bidimensional, linhas que, ao se movimentarem nas direções necessárias, revelavam no plano do papel as marcas do encontro singular entre corpos. Desenhar na verdade é uma dança, significa conduzir, a partir de alguns princípios, pontos e linhas que, ao se movimentarem, ou seja, variarem, tornam-se planos que, sendo conduzidos, transformam-se por sua vez em volumes, e eis que surge uma rerepresentação da alteridade observada. Portanto, desenhar é um exercício físico e intelectual que potencializa o sujeito a perceber o mundo

com intensidade. A representação resultado dos desenhos do grupo são articulações entre nossa imaginação e nossa razão. Já o afeto que o corpo-objeto produziu em nós é um modo não representativo do pensamento e aqui só podemos dar notícia dele a partir desta brevíssima *cartografia*.



Referências

DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução de Edimundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Tradução de Luis Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, G. **O que é um dispositivo?** Site da Escola Nômade, 1990, sem paginação. Disponível em: <http://escolanomade.org/2016/02/24/deleuze-o-que-e-um-dispositivo/>. Acesso em: 05 dez. 2021.

DELEUZE, G. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G. **Lógica do Sentido**. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Júnior, Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. São Paulo: 34, v. 4, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. 2. ed.

São Paulo: Editora 34, v. 1, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, v. 2, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, v. 3, 2012.

DELEUZE, Gilles.; PARNET, Claire. **O abecedário de Gilles Deleuze - transcrição integral do vídeo para fins exclusivamente didáticos**. Escola Nômade, 1988/1994. Disponível em: <http://www.bibliotecanomade.com/2008/03/arquivo-para-download-o-abecedrio-de.html> . Acesso em: 05 dez. 2021.

FINK, B. **Introdução clínica à psicanálise lacaniana**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Zahar, 2018.

FREUD, S. **Fundamentos da Clínica Psicanalítica**. Tradução de Claudia Dornbusch. São Paulo: Autêntica, 2017.

GLEIZER, M. A. **Espinosa e a Afetividade Humana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LÉVINAS, E. **Totalidade e infinito: ensaio sobre a exterioridade**. Tradução de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980.

LÉVINAS, E. **Ética e infinito**. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 1982.

LÉVINAS, E. **Violência do Rosto**. Tradução de Fernando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2014.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. D. **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. **Dossiê Cartografia: Pistas do Método da Cartografia - Vol. II**. Fractal: Revista de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 217-220, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/4939>. Acesso em: 05 dez. 2021.

PEREIRA, O. P. (org.). **Saúde Mental, ética e política: vidas dissidentes e práticas psicológicas contra-hegemônicas**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

PEREIRA, O. P. **As aparências importam: morte, poesia e feminino em Baudrillard**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

PEREIRA, O. P.; TIMM, F. B. (orgs.). **O amor em tempos de consumo**. Curitiba: Editora CRV, 2017.

PEREIRA, O. P.; TIMM, F. B.; GONÇALVES, J. R. **Psicologia da Diferença: por uma ética da singularidade**. Revista JGR de Estudos Acadêmicos, vol. 2, n. 4, p. 49-62, 2019. Disponível em: <http://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/137>. Acesso em: 05 dez. 2021.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS, 2007.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

SETEMBRINO, A.; GIMENES, L. F. **Uma perspectiva esquizoanalítica do conhecimento: notas acerca da relação entre corpo, desejo e percepção**. Praxia: Revista on-line de Educação Física da UEG, v. 2, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/praxia/article/view/10597>. Acesso em: 05 dez. 2021.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TIMM, F. B.; PEREIRA, O. P. **O eu do amor**. Curitiba: Appris, 2020.

WARSAWSKI, T. **Mulheres Cansadas: (des)territorializando o corpo**. 2019. 65f. Monografia (Graduação em Psicologia). Escola de Saúde e Medicina – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ucb.br:9443/jspui/handle/123456789/12415>. Acesso em: 05 dez. 2021.

Editora
JRG

ISBN: 978-85-54009-12-0

JRG



9 788554 009120